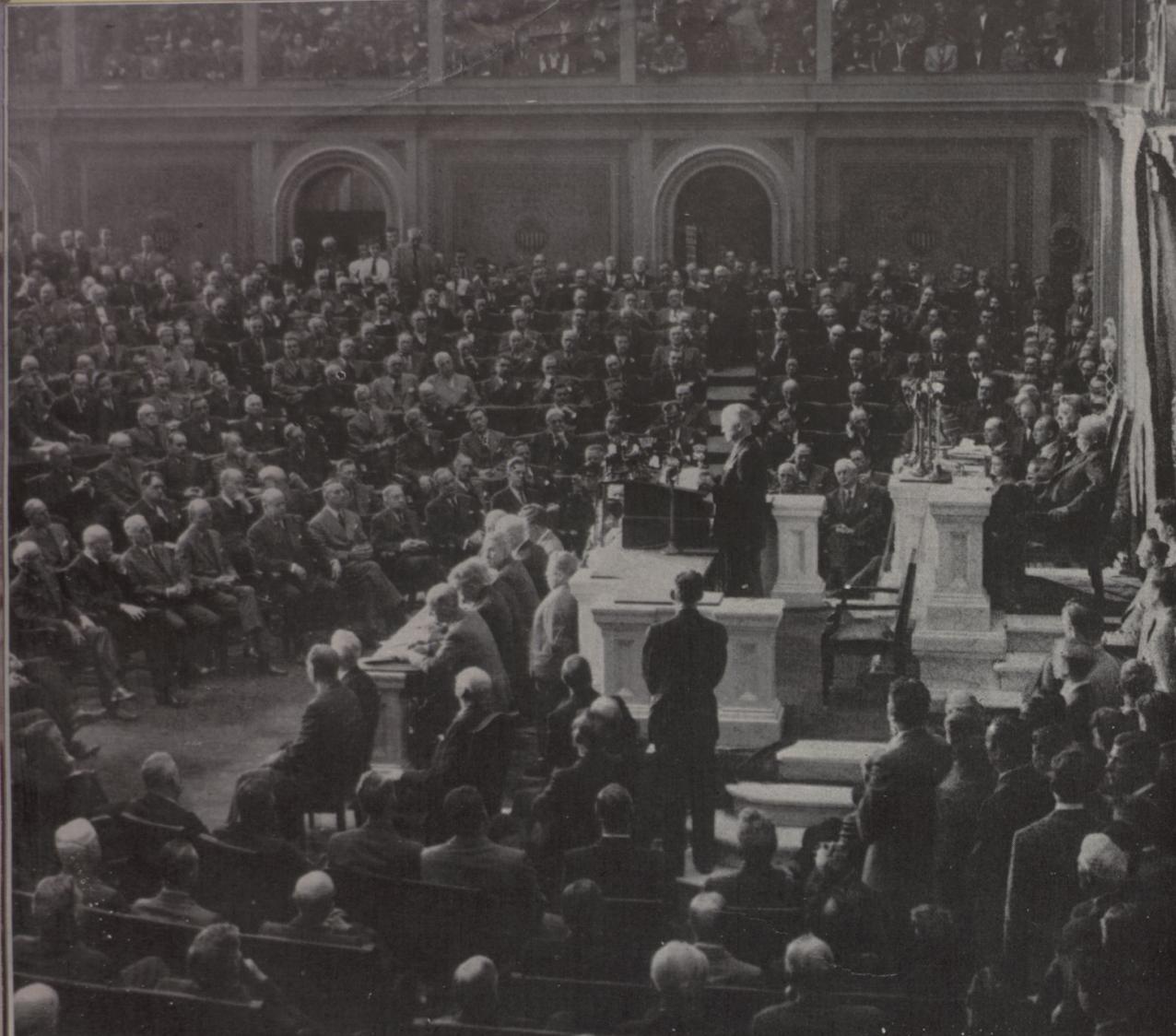


EM GUARDA

ANO 4

Para a defesa das Américas

N. 7



O Presidente Truman, quando dirigia a sua primeira mensagem a ambas as casas do Congresso, garantindo seguir a política do seu ilustre antecessor

com o cerne robusto da população do país — os trabalhadores da terra e os pequenos comerciantes, tendo alimentado e cultivado sempre os seus próprios ideais à medida que atingia mais uma etapa na árdua jornada de sua vida pública. Esta simplicidade de caráter tornou-se marcante logo nos primeiros momentos em que assumiu as tremendas responsabilidades de presidente da República. Dirigindo-se aos jornalistas que o interpelaram, declarou: “Digam ao povo americano, a quem prezo e estimo, que minha porta está sempre aberta para todos. Se nem sempre me fôr fácil receber quem me procurar, é porque estou muito ocupado, e não porque eu queira que assim seja.”

O Presidente Truman tipifica uma pleiade de notáveis americanos que tiveram as mais humildes origens. Há apenas onze anos era ele juiz municipal em seu Estado natal — Missouri. As funções do cargo envolviam também atribuições de caráter extra-judicial, como, por exemplo, a superintendência do programa de construção de rodovias e de edifícios públicos, que lhe devem o desenvolvimento mais acentuado em toda a história do Estado.

Como o grande Presidente Abraham Lincoln, o Presidente Truman é um verdadeiro *self-made man*, um auto-ditata, progredindo em seus estudos à medida que avançava em experiência própria. A vida foi, desde cedo, uma proveitosa escola para o pequeno lavrador que depois se dedicou ao comércio e a várias outras atividades, num trabalho perseverante e paciente. Esta norma de agir se refletiu em todos os estágios de sua carreira política, razão por que, no Senado, Harry Truman teve excelente

acolhida como um elemento de grande operosidade, freqüentemente comprovada nas numerosas comissões que lhe foram confiadas. Esta experiência adquirida nos afazeres da Câmara Alta o aparelharam para a importantíssima missão que o destino lhe reservou, de Chefe da Nação.

A sua longa convivência com os demais senadores foi-lhe proveitosa logo nos primeiros dias como presidente. Rompendo precedentes, no mesmo dia em que assumiu o cargo, foi almoçar com vários ex-colegas do Senado, para trocar idéias, sem maiores formalidades. Os congressistas corresponderam ao gesto, hipotecando-lhe a sua cooperação, em declaração escrita dada a público, na qual afirmavam “colaborar com o Presidente Truman para a consecução de completa vitória na guerra e de uma paz bem sucedida para a nação e para o mundo.”

Esta declaração constituiu, para conceituados observadores e analistas da situação nacional, o comprovante de um desejo ainda maior de animar a comunhão de vistas entre os poderes legislativo e executivo para a solução dos mágnos problemas que se aproximam.

Interessado em fazer imediato contato com as altas autoridades militares, o novo comandante-em-chefe reuniu em conferência os chefes de estado-maior, do Exército e da Armada, informando-se dos últimos detalhes da campanha em todas as frentes. Na delicada tarefa de conduzir a nação pelo período mais grave de sua história e de ajudar o mundo a desvencilhar-se do presente cáos, o Presidente Truman conta com todo o apóio popular. À nação sua excia. resumiu o objetivo imediato quando afirmou: “Não podemos recuar, nem ficar parados; a ordem é avançar!”



A VITÓRIA DA LIBERDADE

HITLER E MUSSOLINI DESAPARECEM TRÁGICAMENTE DO CENÁRIO EUROPEU

FOI um dia de graças a Deus e de firmes decisões. Estava, afinal, terminada a guerra na Europa. A de há muito esperada vitória dos aliados era já uma grande realidade. Estava extinto o poder nefasto e cruel do nazismo armado; seus líderes desapareceram no trágico cenário. Numa empolgante semana, a última da guerra, Benito Mussolini foi ignominiosamente executado e Adolfo Hitler dado por morto. Estava extinto o mito da *super-raça*, o mito da invencibilidade nazista. Os exércitos alemães foram esmagados na mais vergonhosa das derrotas e seus generais humilhados. Toda a Alemanha e a Itália estavam em poder dos aliados.

Milhões de entes humanos de há muito oprimidos e escravizados regosijaram humildemente pela sua salvação. Estava salva a civilização ocidental. Mas o destino do Japão ainda estava por ser decidido.

Assim foi o memorável dia da vitória na Europa, um dia cujo advento foi fervorosamente ansiado durante mais de cinco longos anos por todos os povos pacíficos do mundo. Mas mesmo enquanto se fazia sentir o imenso regosio pela completa derrota do nazismo, as nações aliadas davam demonstrações, por atos e palavras, de sua resolução de ativar a realização de duas grandes obras: manter a paz e a liberdade na Europa esfacelada e libertar do guante da tirania japonesa as regiões da Ásia e da Oceania.

Da Europa à Ásia

A vitória nos campos de batalha da Europa, restaurando na liberdade tantas nações subjugadas durante a guerra de agressão de Hitler, completou a primeira fase da gigantesca tarefa; a segunda inicia-se agora, qual a de estirpar a praga de uma liderança que ameaçou destruir os baluartes da tolerância e da justiça não somente na Europa mas no mundo inteiro. O epílogo do regime brutal que Hitler pretendia impôr ao mundo "por mil anos" permite trasladar para o Pacífico numerosas forças combatentes e quantidades colossais de material bélico. Ao mesmo tempo, marca o começo do longo e árduo trabalho de reconstrução de lares e reabilitação moral e física de populações inteiras alquebradas ao peso dos horrores e dissabores de cinco anos da guerra mais devastadora de todos os tempos.

O Presidente Truman, acentuando o fato de ser a vitória na Europa apenas metade do objetivo alcançado, afirmou aos seus concidadãos que só se poderá considerar terminada a luta quando se render incondicionalmente a última divisão das forças japonesas.

"Precisamos nos esforçar para reerguer um mundo sofredor; edificar uma paz firme, uma paz baseada na justiça e na lei. Podemos alcançar esta paz unicamente com o produto de um esforço constante, cooperando com os nossos aliados na paz como temos feito durante a guerra. O que ainda nos resta fazer não é menos importante, menos urgente nem menos difícil do que o encargo que acabamos de nos desempenhar satisfatoriamente," lembrou ainda o presidente.

Durante os 68 meses de seu tempo de guerra, o nazismo cavou fundo nos recursos humanos e materiais do mundo. Nunca se poderá saber ao certo o custo desses 68 meses de guerra, por isso que as profundas consequências morais e materiais da agressão nazista durarão pelo período de várias gerações. Mas somente as baixas sofridas em combate indicam um total de mortes de nove a dez milhões de homens. Outro tanto ficou permanentemente incapacitado, sendo também de milhões o número dos que sofreram ferimentos relativamente leves.

Foi uma guerra que também causou enorme total de mortes entre as populações civis. Milhões de homens, mulheres e crianças sucumbiram vitimados por doenças, pela fome e pela incrível brutalidade do tratamento nazista nos campos de concentração. Na Inglaterra, o número de vítimas dos bombardeios alemães atinge a 145.000. Na Polónia, estima-se que dez milhões de seus habitantes pereceram nas mãos dos nazistas, de uma maneira cruelíssima.

O custo monetário da guerra também foi colossal. Antes de silenciar o último canhão, em face da rendição incondicional dos alemães, as Nações Unidas já tinham dispendido mais de 500 bilhões de dólares em material bélico. Mais de metade desta soma já havia sido gasta pelos E.E.U.U.. Mas mesmo que a guerra tivesse sido unicamente uma questão de despesas, estas tremendas cifras teriam sido insignificantes para pagar pela vitória numa guerra em que se achava em jogo a vida ou a morte de toda a civilização ocidental. Nenhuma outra guerra causou tanta destruição e sofrimento como essa que os nazistas começaram, com a fantástica idéia de conquistar o mundo. E nenhuma outra guerra causou a derrota tão esmagadora de uma grande potência militar, e a ruína a tantas cidades, nem um fim tão ignominioso aos seus instigadores, Hitler e Mussolini.

Ambos, porém, permanecerão em amarga memória. Suas vidas e o epílogo que tiveram ficarão como horrenda e abjeta lição para o mundo, do inglório des-

(Continúa)

← **A rendição** incondicional! Conquanto Hitler e seus asséclas ordenassem a resistência até à morte e tentassem dividir os aliados para obter melhores condições de paz, os combatentes alemães iam-se rendendo aos milhares (à esquerda)

EM GUARDA, revista publicada mensalmente para o BUREAU DE ASSUNTOS INTERAMERICANOS, Commerce Building, Washington, D. C., pela Business Publishers International Corporation. Redação: 330 West 42nd Street, Nova York, Estados Unidos da América. Oficinas: 5601 Chestnut Street, Filadélfia, Estado de Pensilvânia, Estados Unidos da América. Classificada como impresso de segunda classe na Repartição Geral dos Correios de Filadélfia, Estado de Pensilvânia, Estados Unidos da América, a 8 de Abril de 1941, de acordo com o que dispõe a lei de 3 de Março de 1879, Ano 4, Número 7. — Copyright 1944 by Business Publishers International Corporation. — Propriedade literária registada em 1944 pela Business Publishers International Corporation.



A Porta de Brandeburgo, por onde antes desfilavam os alemães em passo de ganso, agora passam, humilhados, prisioneiros nazistas

tino que aguarda todos os tiranos, em toda parte. Mussolini, o primeiro dos modernos ditadores totalitários, foi também o primeiro a cair. As hediondas crueldades e revoltantes injustiças que praticou e fez praticar contra outros estavam presentes por ocasião de sua morte. Humilhado, fuzilado, atirado a ponta-pés como uma lata de lixo, seu cadáver só provocou a repulsa de seus próprios concidadãos.

Arrogante e exibicionista, o trétego fundador do nefasto faccismo galgou o poder em 1922, depois da bombástica marcha contra Roma, à

frente de seus *camisas-pretas* de negrada memória. Matando, prendendo e espancando conseguiu o chacal eliminar toda e qualquer oposição, abolindo de vez a liberdade em sua terra. E quando julgou oportuno, atacou a indefesa Etiópia, associando-se depois com Hitler para lançar o seu país na conflagração que celebrizou as infâmias do Eixo. Sua declaração de guerra à França foi uma "punhalada nas costas", na feliz expressão do saudoso Presidente Roosevelt. Sempre arrogante e atrevido mesmo em face de contínuos reveses militares, Mussolini só co-

nhecia maltratos e vingança para aqueles que ousavam discordar de sua opinião. Chegou até a mandar fuzilar o próprio genro, o inefável conde Ciano, por havê-lo abandonado. Mas a sina tradicional dos tiranos iria, oportunamente, cruzar com a abjeta trajetória do rotundo Duce. Após 21 anos de ditadura, foi expulso de Roma, como direta consequência da invasão da Sicília, pelos aliados, em 1943. Apesar de preso pelos carabinieri italianos, Mussolini conseguiu safar-se temporariamente às malhas da justiça, quando vários sequazes do seu comparsa na cons-

A histórica junção das tropas norte-americanas com as tropas russas nas ruínas de uma ponte sobre o rio Elba, no tremendo avanço, na vila de Torgau



Tanques norte-americanos entrando na cidade arrazada de Munich, bérço do nazismo, onde Hitler e sua pandilha tramaram a conquista do mundo

piração contra a humanidade deram-lhe fuga, levando-o para local seguro ao norte da Itália. Ali, abandonado por todos exceto pela amante, Clara Petacci, Mussolini foi capturado e fuzilado pelos seus próprios patricios indignados. Ao verificar que lhe chegava, inexoravelmente, o termo da existência, o ditador que aconselhava os outros a *viverem no perigo*, acovardou-se miseravelmente, portando-se como o pulha que sempre fora. Enquanto Mussolini morria pelos crimes que cometera, escoavam-se na ampulheta os últimos grãos de areia para o outro celerado, Hitler,

já nos últimos estertores de um delírio macabro. Quando conseguiu, afinal, apoderar-se da direção do seu partido político, mudando-lhe o nome para Partido Nacional Trabalhista Socialista Alemão, já então era conhecido como extremado anti-semita, e, em suas rabiosas arengas enaltecendo a divindade de sua *raça*, jorrava aos quatro ventos as fanáticas ideologias que iriam promover uma das maiores e mais odiosas campanhas de perseguição da história. Preso, processado e condenado a um ano de prisão pela sua malograda sedição para se apoderar do governo

da Bavária, Hitler tornou-se pouco depois cidadão alemão. Em 1932 já contava com apoio político bastante para fazer parte do gabinete do presidente Hindenburg, tornando-se, um ano depois, supremo ditador do Reich. O antigo pintor de paredes começou imediatamente a boicotar os judeus, a proibir o exercício de todos os credos religiosos e a encher os campos de concentração com milhares de seus oponentes. Purgou o seu próprio partido, num horroroso banho de sangue, matando mil vítimas. Depois de se apossar dos poderes presidenciais, quando Hin-

(Continúa)

A capitulação alemã em Reims. A histórica cena da rendição do general Gustave Jodl aos chefes militares aliados, pondo fim aos planos de conquista





O fim da dominação nazista na Dinamarca. Os habitantes de Copenhague recebem delirantemente as primeiras tropas inglesas que chegaram à cidade

denburg morreu, Hitler julgou azado pôr em prática tôda a série de suas bestiais doutrinas, matando ou prendendo todos quantos tentavam obviar a sua sanha de violência e perseguição.

Insaciado com o terror que impunha aos seus próprios domínios, Hitler esbravejou contra o mundo, contra tôda a humanidade, não se satisfazendo enquanto não fez estourar a guerra — uma guerra que devassou a um mundo horrificado como doze anos de rigorosa regimentação e terror alquebraram o espírito do povo alemão, e, de tal maneira, que se via incapaz de desviar seus líderes do monstruoso propósito de levar a cabo uma carnificina selvagem e desastrosa. A derrocada do nazismo na Europa ficou aparente muito antes de avançarem os exércitos aliados pela Alemanha a dentro, a leste, a oeste e ao sul, para dar-lhe o golpe de morte. O próprio Hitler devia ter sentido os primeiros arripes prenunciadores da derrota em Stalingrado, em El Alamein e na Tunísia. A derrota de certo tornou-se ainda mais aparente para os líderes nazistas quando os alemães foram obrigados a recuar para o norte da Itália e os aliados romperam a decantada muralha do Atlântico. E com o contínuo avanço dos aliados, pulverizando o outro mito, a impassável linha Siegfried e trans-

Com a debácle do regime nazista e a notícia da morte de Hitler, os alemães rendem-se aos milhares. Neste acampamento há 160.000 prisioneiros



O grande estádio de Nuremberg, onde os nazistas faziam suas pomposas exibições, é agora um simbólico deserto ao chegarem as forças norte-americanas

pondo em vários pontos o rio Reno; com a queda de Berlim e a junção com as tropas soviéticas, parализando tôda a resistência nazista, a debácle germânica foi um fato consumado na mais estrondosa e vergonhosa derrota.

De comêço, o mundo subestimou o perigoso, cruel e sanguinário fanatismo do execrável ditador nazista. Hitler, por sua vez, sempre subestimou, ou nunca pôde compreender, o ódio, a suprema aversão que lhe votavam os povos que punham a sua própria liberdade acima de todos os bens terrenos, na sua ingente luta para romper os guantes que os maniatavam. O famigerado *fuehrer*, na sua estúpida concepção das coisas, nunca supôs que a Inglaterra e a França fossem além de uma simples troca de hostilidades quando se certificaram da futilidade de tentar salvar a Polônia. Três dias depois de irromper a guerra fulminante de Hitler contra os poloneses, a Inglaterra e a França declararam guerra à Alemanha. A máquina bélica que Hitler estava construindo desde 1932 foi levando tudo de vencida, pasmando o mundo. Mas em junho de 1941, era a Rússia arrastada ao conflito, e, seis meses depois, os Estados Unidos. Outras nações americanas, côncias do perigo nazista, não tardaram em aliar-se à batalha do mundo pela liberdade.

Em meados de 1942, as áreas da dominação nazista estendiam-se desde a Bretanha ao Volga e do Ártico à África do Norte. Mas Hitler já

(Continúa)

Soldados americanos examinam o que resta da cervejaria de Munich onde Hitler iniciou a campanha que causou a sua perdição e a do povo alemão





Os alemães hoje culpam Hitler pela situação em que se encontram, mas quando foi tirada esta fotografia o aclamavam com tanta idolatria como se ele fôra um deus, obedecendo-o cegamente até à sua debácle

havia cometido dois erros que demarcaram o seu próprio fim e o da sua ambição de ser o conquistador do mundo. O primeiro foi a sua declaração de guerra aos Estados Unidos, ato que serviu apenas para romper as barreiras na produção de uma avalanche de material bélico para os aliados, além da tremenda contribuição de potencial humano da mais alta qualidade; a segundo erro foi o ataque contra a Rússia, o qual o forçou a fazer a guerra em duas grandes frentes. Os resultados não tardaram.

Veu a grande vitória dos aliados em El Alamein, nos derradeiros meses de 1942, uma vitória que marcou a fuga dos alemães de toda a África que eles dominavam e preparou o terreno para a memorável invasão da bota italiana. Dentro de onze meses, a Itália capitulava e Mussolini era apeado do poder. A Rússia, a mesma Rússia que Hitler proclamou com jactância que "nunca mais se levantaria", lançou uma contra-ofensiva que só foi ter o seu remate dentro de Berlim.

Com o estabelecimento da segunda frente dos aliados, na Normândia, em junho de 1944, e com o também fulminante avanço ao longo do setor ocidental, ficou patente que nem a astúcia nem a brutalidade poderiam salvar os líderes nazistas do inescapável pulso de ferro das Nações Unidas. No este, as legiões moscovitas penetravam atravessando a Polónia; ao sudeste, forças russas também avançavam, céleres, pela Hungria, alcançando Vienna, a primeira capital fóra do Reich alemão a ser ocupada por Hitler.

Operou-se então a última fase da marcha simultânea dos aliados, de ambos os lados, para a

(Continúa)



A arragância da quadilha de Hitler ressaltava nesta fotografia tomada em Nuremberg, ao tempo em que os nazistas estavam no apogeu da fama e poder



O colapso da Alemanha começou quando a aviação nazista não pôde mais contrapor aos ataques aéreos dos aliados. Hitler contempla os seus efeitos



A sorte de um tirano. Com sua petulância característica, Mussolini arenga a uma multidão, da sua sacada do Palácio de Veneza. Em baixo: O desgraçado termo da sua carreira, vendo-se o cadáver do Duce, na lama numa praça da cidade de Milão, alvo dos apodos do populacho que se sacia em tétrica vingança



junção na Alemanha. Foi uma luta memorável, em que nem o sistema de defesa do inimigo nem as dificuldades do terreno puderam opôr obstáculo aos atacantes.

Em trinta dias, forças americanas, apoiadas por ingleses, canadenses e franceses transpuseram a série de muralhas da defesa alemã, derrotando exércitos nazistas compostos de mais de um milhão de homens. A região do Saar foi igualmente transposta, assim como o Reno, operações coordenadas com a ação do gigantesco bombardeio aéreo que estrçalhou de vez o restante das forças combatentes do inimigo.

A máquina de guerra nazista ruia fragorosamente. Mais interessados em salvar suas próprias vidas, os chefes nazistas se opunham à capitulação de seus exércitos desbaratados. Apelaram para o concurso de velhos, mulheres e crianças, na hora do extremo desespero, ameaçando castigar aqueles que se recusassem a pegar em armas. Era a disciplina do terror nas suas últimas demonstrações. O resultado foi a devastação, o caos e a derrota, de proporções inéditas na história — uma lição que ficará gravada para todo o sempre como o fim a que estão condenadas tôdas as tiranias.

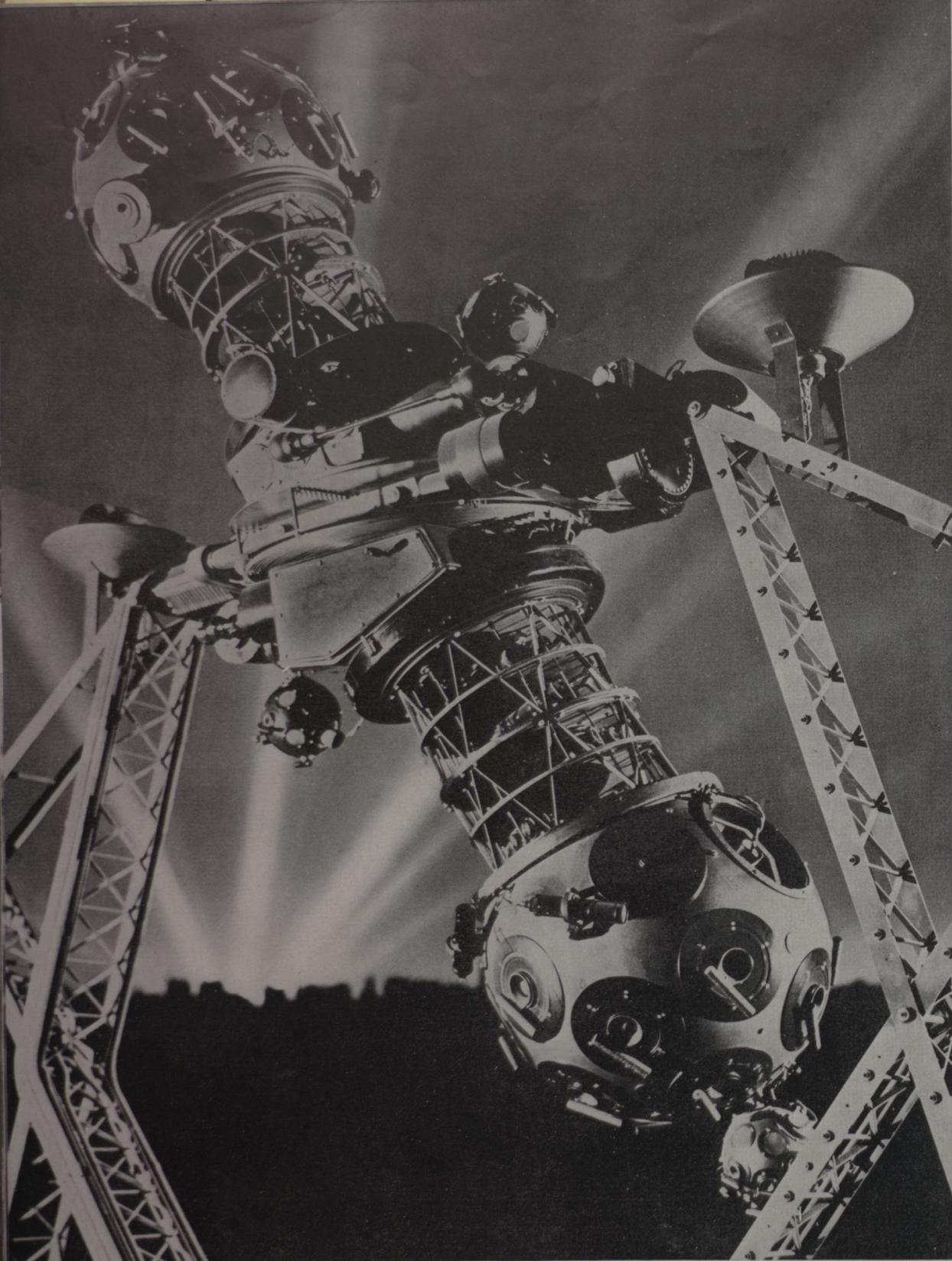
Breve, tôda a Itália estava nas mãos dos aliados, dentre os quais se destacavam as forças brasileiras. Seguiu-se a captura do planalto alpino, ao sul da Alemanha, onde, segundo a versão corrente, Hitler iria tentar refúgio.

Já então, a cada passo, os aliados iam libertando milhares de escravos e prisioneiros, constatando mais e mais as provas das incríveis crueldades e dos crimes praticados pelos nazistas.



O GENERAL EISENHOWER

COMANDANTE SUPREMO das forças aliadas no teatro europeu da guerra. Suas tropas demoliram a decantada linha Sigfried e transpuseram o rio Reno para derrotar os exércitos alemães dentro do seu próprio território nacional.



O grande projetor que reproduz na abóbada celeste de 23 metros do Planetário Hayden, de Nova York, o firmamento em qualquer parte da terra, seja qual for a época, passada, presente ou futura. Raios de luz cuja magnitude é cuida-

dosamente graduada "reproduzem" as estrelas fixas, o sol, a lua, os planetas e a via láctea. Nesta gravura observa-se a aurora boreal projetada por meio de luzes especiais por trás da linha do horizonte artificial, perante numerosa assistência

O PLANETÁRIO HAYDEN

ACESSÍVEL E EMPOLGANTE O ESTUDO DOS
ASTROS E DA MECÂNICA CELESTE

NO Planetário Hayden, de Nova York, o mundo é muito pequeno. O globo terráqueo é pouco maior que a mão de um homem. Até Mercúrio, Venus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e o Sol cabem na palma da mão duma criança. E' que, no planetário, os cientistas reduziram o mundo em que vive o homem a dimensões pequenas bastantes para facilitar ao próprio homem o estudo e a apreciação das maravilhas da sua formação.

No andar térreo, os planetas apresentam-se como pequenos globos suspensos do teto, girando em tórno de uma esfera central que representa o sol. Conquanto reduzidos a uma fração infinitesimal do seu verdadeiro tamanho, todos têm o mesmo diâmetro e circunferência proporcionais, girando todos em redor do sol com a mesma velocidade que lhes é relativa na sua verdadeira órbita no mundo exterior. Até os satélites que giram em tórno de Saturno, nesse universo em miniatura, têm o seu movimento acuradamente proporcional.

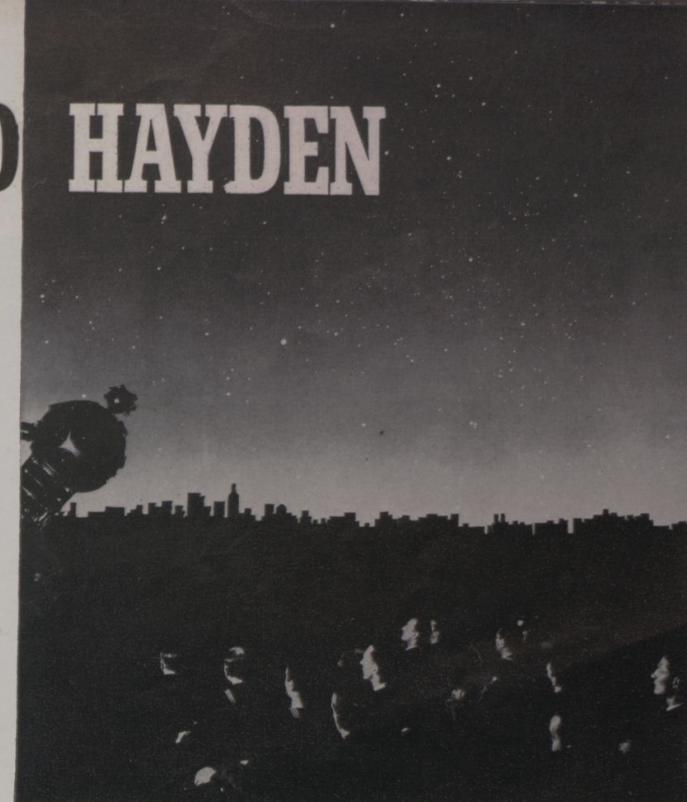
O firmamento no planetário não está, entretanto, sujeito às variações atmosféricas. Está sempre límpido. E as estrelas estão sempre brilhantes. No primeiro andar do edificio, no grande salão de projeção, encimado pela abóboda celeste especialmente construída para a exibição do firmamento em miniatura, pode ver-se o céu em qualquer noite da história, em qualquer lugar do mundo. Aqui, colegiais e universitários; membros das forças armadas, preparando-se para ser navegadores; cientistas amadores e astrónomos profissionais podem vir e estudar a qualquer hora do dia e ficar até altas horas da noite observando as estrelas. Aqui não há o reflexo das luzes da cidade, nem nevoeiro, chuva ou neve. E com a ajuda de um projetor de 250 lentes, o visitante pode observar qualquer céu que quiser. Pode repetir qualquer observação tantas vezes quanto julgar necessário. Se quiser ver o firmamento tal como apareceu na noite do nascimento de Cristo, o projetor pode transportá-lo através de 1945 anos da história até ao primeiro Natal, em Belém. Se quiser contemplar o céu como aparece no Rio de Janeiro ou na frente ocidental de batalha, ou nas Filipinas, o projetor pode transportá-lo por essas milhares de milhas em décimos de segundos. Aqui, de fato, é um dos poucos lugares no mundo onde se pode passar uma noite sob a estrela polar e o cruzeiro do sul ao mesmo tempo, em constante estudo.

Real utilidade

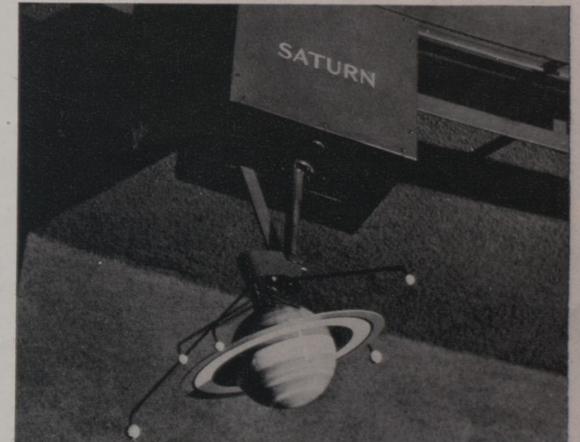
Há cinco planetários nos Estados Unidos: em Los Angeles, Chicago, Pittsburgh, Filadélfia e Nova York. Mas o desta última cidade, o Hayden, tornou a astronomia sumamente interessante e facilmente acessível a milhares de pessoas que, de outra forma, não teriam tempo nem ensejo para observações mais detalhadas. Numerosos combatentes, das forças de terra e mar, que regressam das frentes de batalha, apressam-se em ir agradecer aos diretores do planetário as valiosíssimas lições que receberam durante os cursos de navegação e de identificação de estrelas. Mais de um que tem naufragado ou ficado perdido em temporais, rende expressivo tributo afirmando que "deve a sua salvação ao fato de ter feito os cursos do planetário, antes de seguir viagem."

A obra do planetário, porém, não se resume em orientar somente os combatentes. Já tem organizado várias importantes expedições científicas, dentre as quais a que foi observar o eclipse no Perú, em 1937. Sua maior função é divulgar conhecimentos sobre a mecânica celeste, familiarizando o homem com o mundo em que ele vive. Segundo as palavras do seu próprio fundador e bemeifeitor, Charles Hayden, o planetário procura ser "não somente um lugar de interesse e de instrução, mas também de apreciação da magnitude do universo e da certeza de que deve haver uma força maior que o homem, à qual atribuir as coisas maravilhosas que ocorrem diariamente."

Todos os dias há duas grandes exibições para o público, mostrando o firmamento na noite do respectivo dia. Um elocutor faz a descrição necessária, explicando os interessantes detalhes da mecânica celeste, posição dos astros, estrelas, constelações, etc., durante um período de meia hora, abrangendo uma redução do espaço de tempo entre o pôr do sol e o rair do dia. Na assistência, sempre numerosa, destacam-se os colegiais, a nova geração que, orientada por pais e professores, extasia-se na observação do firmamento, familiarizando-se com as maravilhas do seu próprio mundo.



Alunos de astronomia estudando o céu meridional, na região de Argo. Canopo mostra-se como a estrela mais brilhante, em cima e à direita do edificio mais alto



Para obter vista detalhada dos planetas recorre-se a reproduções mecânicas especiais que se movimentam em trilhos nas suas respectivas órbitas. A gravura mostra o planeta Saturno. Na ilustração abaixo: Aspecto exterior do edificio do Planetário, destacando-se a sua grande abóboda onde se fazem as projeções



O PRESIDENTE TRUMAN



A primeira entrevista concedida à imprensa pelo Presidente Truman. Como o seu ilustre antecessor, o novo presidente recebe pessoalmente os jornalistas

A NAÇÃO O APÓIA UNÂNIMAMENTE NAS GRANDES TAREFAS QUE O DEFRONTAM



Ao assumir a suprema magistratura da Nação, num dos momentos mais decisivos na história do mundo, o Presidente Harry S. Truman fê-lo cercado do apóio sincero e unânime de seus concidadãos. A unidade nacional, solidificada pelo profundo pesar causado pela infausta morte do Presidente Franklin D. Roosevelt, levou ao novo presidente as mais incansáveis garantias de uma solidariedade cujas provas espontâneas marcaram os seus primeiros dias no cargo. Foram manifestações que avultaram ainda mais em face da decidida atitude do presidente, vivamente interessado em transladar em atos o seu compromisso de fazer com que os Estados Unidos continuassem firmes na obra de cooperação para solver os gigantescos problemas que confrontam o mundo.

A opinião pública, logo de início, ficou excelentemente impressionada com a maneira resoluta do novo comandante-em-chefe, disposto a conservar os "Estados Unidos como uma das forças mais poderosas para o bem do mundo;" e humilde, mas sincero, em seus votos "de ser unicamente um bom e fiel servidor de seu Deus e de seu povo."

O apóio nacional revestiu-se de memorável significação quando vários senadores, membros do partido político da oposição no Congresso, num gesto sem precedentes, foram em comissão visitar o presidente, na Casa Branca, pouco depois de sua posse, para assegurar-lhe o seu concurso na consulta sôbre qualquer dificuldade decorrente de matéria legislativa.

Das demais nações americanas recebeu o Presidente Truman as maiores demonstrações de apóio e solidariedade, acentuando-se ainda a visita que lhe fizeram 22 auditores de guerra das repúblicas centro e sul-ameri-

O Presidente Truman assina o seu primeiro decreto — prorogando a Lei de Empréstimos e Arrendamentos. Presentes vêem-se vários membros do Congresso

canas, portadores de expressivas mensagens de seus respectivos governos. As provas de confiança manifestadas pela nação ao seu novo presidente foram, para todos quantos já haviam convívio com o Sr. Truman em várias fases de sua vida pública, uma confirmação do alto apreço a que êle se impõe pela sua personalidade, operosidade e notável dedicação aos encargos que lhe são confiados. Seu trato com os companheiros de trabalhos legislativos o destacaram pela sobriedade de suas ponderações e pela coragem de externar convicções mesmo em face dos problemas mais difíceis, qualidades que o colocaram, naturalmente, como um valioso orientador. Foi, portanto, a satisfação de uma expectativa observar, logo em seus primeiros atos, o pulso firme e a decisão de espírito do novo chefe do Poder Executivo para o qual a nação em peso voltava tôdas as atenções, hipotecando-lhe, ao mesmo tempo, absoluta solidariedade e confiança.

O antigo oficial de artilharia captou também a simpatia de seus concidadãos pela sua extrema simplicidade. De estatura mediana, afável e comunicativo, sua aparência pessoal reflete a meticulosidade do seu caráter e revela uma distinção que atrai, porque é inata. Aos 61 anos, Harry Truman, na suprema chefia do govêrno de sua pátria, atinge a culminância de uma vida de intensa atividade, na qual se destacam dez anos de acentuados serviços como senador da República.

E' natural do Estado de Missouri, onde nasceu a 8 de maio de 1884, na pequena cidade de Independence; seus pais descendem de antigos pioneiros norte-americanos, êsse vigoroso elemento da raça, extraordinário pela tenacidade demonstrada nos árduos labores da cononicação do país, elemento que já era um reservatório de líderes, mesmo antes do tempo dos dois grandes presidentes, Andrew Jackson e Abraham Lincoln.

Muito jovem ainda, Harry Truman já dava plenas demonstrações de possuir as valiosas qualidades de força de vontade característica de seus antepassados. Sua mãe, agora com 91 anos, orgulha-se de recordar: "Meu Harry sempre pôde fazer tudo que lhe cabia fazer . . . e um pouquinho melhor do que qualquer outro."

Durante a primeira guerra mundial, para qual partiu como tenente e chegou a major, distinguiu-se por uma fôlha de serviços cujos méritos iriam, mais tarde, se evidenciar também na firmeza de suas decisões na vida trabalhosa que o aguardava. E ao abraçar a carreira política, seus reconhecidos dotes oratórios o conduziram fâcilmente a uma justa proeminência no debate de questões vitais aos interesses de sua pátria e de seu próprio Estado, em particular.

Em 1922 foi eleito para a judicatura municipal, com atribuições que se estendiam à administração do maior programa de construção rodoviária no seu Estado. Impondo-se ao respeito e confiança de seu partido, pelo acurado estudo dos problemas que lhe eram entregues, não tardou que a sua vigorosa personalidade o recomendasse para posições de ainda maior

(Continúa)



A menina Margaret Ann Forde, gha de um veterano ferido na guerra, oferece ao Presidente Truman uma papoula, flor simbólica da primeira guerra mundial. Em baixo: Auditores de guerra das repúblicas americanas em visita ao presidente, ao qual ofereceram um expressivo pergaminho em nome de seus respectivos governos





A mãe do Presidente Truman, Sra. Martha E. Truman, em sua residência, em Independence, Missouri



A esposa e a filha do Presidente Harry S. Truman. Até a sua ascensão ao supremo cargo de Chefe da Nação eram elas que desempenhavam os afazeres domésticos no apartamento da família, em Washington

destaque e responsabilidade na vida nacional. Foi, então, em 1934, eleito para o Senado da República.

No Câmara Alta, o Sr. Truman integralizou-se com grande empenho no conhecimento dos complexos problemas de sua alçada, devotando aos mesmos infatigáveis esforços e atenção, que, em devido tempo, lhe granjearam um conceito público dos mais honrosos. E, finalmente, quando lhe coube presidir a importante comissão especial senatorial encarregada de investigar as despesas de guerra, a sua ação de muito contribuiu para a economia de milhões de dólares em certas verbas, de modo a tornar possível a sua aplicação mais eficientemente noutras de caráter mais urgente para a vitória. O público certificou-se de que ali estava um perfeito conhecedor dos mágnos problemas do momento.

Durante seus dez anos de serviços no Senado, num período que se notabilizou pela variedade e importância de reformas administrativas e problemas políticos de caráter interno e internacional, o Sr. Truman manteve-se em ativa participação no estudo e solução de tais problemas. Suas exposições feitas da tribuna do Senado nunca deixaram de impressionar pela clareza e precisão nos argumentos, revelando os atributos, de um verdadeiro estadista. Razão por que o Presidente Roosevelt sentiu-se feliz quando lhe adveiu o ensejo de endossar o nome do Senador Truman como seu companheiro de chapa, na candidatura apresentada pelo Partido Democrata.

Os fatos vieram confirmar o acerto do seu ilustre predecessor, logo nos primeiros discursos do Presidente Truman dirigidos à nação. E em suas entrevistas concedidas à imprensa, a concisão de suas declarações causou uma impressão que levou imediatamente ao público a certeza de que os destinos da nação achavam-se em mãos hábeis e firmes, orientadas por uma mentalidade na altura da gravidade da situação.

De há muito afeito a longas horas de trabalho, o Presidente Truman sentiu-se perfeitamente apto para enfrentar os encargos do seu alto posto, dando-lhe tódas as atenções sem limitações de tempo. Seus primeiros dias foram acumulados de indeclináveis obrigações, e o empol-

gante ritmo que desde então assumiram os acontecimentos nacionais e mundiais, mantiveram-no em contínua atividade, conferenciando com os membros do seu gabinete, com as altas autoridades militares e navais, com diplomatas e congressistas e recebendo, como é de seu desejo, todos quantos o procuram para tratar de vários assuntos.

Decidido a continuar a política do ex-Presidente Roosevelt, suas reafirmações no sentido de expandir o intercâmbio comercial depois da guerra e ativar a cooperação política internacional são características do seu brilhante passado de legislador, francamente partidário da cooperação entre as nações. De oportuna significação é também a atitude que assumiu no Senado, dando o seu decidido apoio a medidas progressistas, como a Lei do Seguro Social e outras, amparando os direitos do trabalhador, providenciando para a construção de habitações baratas para a classe trabalhista e fazendo executar vários projetos destinados a aliviar o desemprego; apoiou ainda a anulação da Lei de Neutralidade; a Lei de Empréstimos e Arrendamentos e a da conscrição militar em tempo de paz, assim como a referente aos acordos comerciais recíprocos.

Os problemas do momento

Logo após assumir o cargo, o Presidente Truman afirmou: "Enfrentaremos os problemas da paz com a mesma coragem com que enfrentamos e solvemos os problemas da guerra. O propósito de criar uma organização internacional firme e efetiva é complicado e difícil. Não obstante, temos que encontrar um aparelhamento para a solução justa das divergências internacionais."

O presidente reiterou esta opinião em seu discurso inaugural dirigido aos delegados da Conferência de San Francisco. E, substanciando, ativou a reorganização da estrutura dos acordos comerciais recíprocos; a criação de um Banco Internacional de Reconstrução e Fomento e um Fundo Monetário Internacional para amparar as nações devastadas pela guerra, através da estabilização dos valores monetários mundiais, medidas estas de momentosa importância.

Antes da abertura da Conferência de San Francisco, o Presidente Truman recebeu o Secretário das Relações Exteriores da Inglaterra, Anthony Eden, e o Comissário soviético V. M. Molotov, enviado a Washington pelo Marechal Stalin a pedido do novo presidente. Outros delegados foram também conferenciando com o Presidente Truman. Os problemas das outras repúblicas americanas têm-lhe merecido especial atenção. Pouco depois de ser eleito senador, o Sr. Truman visitou várias nações americanas, regressando ainda mais interessado em propugnar a salutar política de Boa Visinhança.

O Presidente Harry S. Truman, como tenente de artilharia, ao tempo da primeira conflagração mundial



A REGULÇÃO DOS PREÇOS

Chester Bowles, diretor do Escritório de Administração de Preços dos Estados Unidos, discute no artigo abaixo os fatores que ameaçam a vida econômica das Américas, e acentua a importância de evitar a alta dos preços durante a guerra e no período imediato, para benefício de todos.

ALGUMAS das batalhas mais cruciantes da guerra são travadas na frente econômica. A batalha da produção, para equipar e abastecer enormes exércitos, forças aéreas e esquadras, é um símbolo de organização econômica e de cooperação internacional. As vitórias das Nações Unidas nas frentes de batalha atestam do sucesso da organização econômica para a guerra. Mas os capítulos finais ainda estão para serem escritos. Todos estamos no auge das batalhas econômicas.

Uma das mais renhidas dessas lutas na frente econômica é o esforço para controlar os preços e o custo da vida, me, se a história das inflações que surgiram depois das guerras passadas serve de guia, as lutas mais tremendas virão após a cessação das hostilidades. Até agora, o controle dos preços nos Estados Unidos tem produzido resultados razoavelmente satisfatórios. O controle dos preços em vasta escala entrou em vigor no segundo trimestre de 1942. Depois de 30 dias sob o controle da Administração de Preços, os preços por atacado de produtos industriais subiram apenas três por cento. Esta estabilidade significa milhões de dólares de economias no custo da guerra. Além disto, outras nações, beneficiadas pelo controle dos preços de exportação, têm economizado consideravelmente na compra de produtos manufaturados e de materiais nos mercados dos Estados Unidos. Nossos vizinhos no hemisfério ocidental, particularmente, têm partilhado dos benefícios desses controles. Internamente, a média do custo da vida, desde os primeiros dias do controle dos preços, tem aumentado de pouco mais de nove por cento.

Efeitos do controle

Em contraste com a alta muito mais elevada nos preços, verificada durante a primeira guerra mundial, os resultados obtidos com o controle nesta guerra são bastante favoráveis. Na primeira guerra, quando o controle dos preços se fez muito reduzidamente, o custo da vida nos Estados Unidos aumentou de 62 por cento, desde julho de 1914 até o dia do armistício, em novembro de 1918. Logo após o armistício, os controles de guerra foram postos à margem e os preços, durante uns poucos meses, declinaram. Em março de 1919, porém, os preços entraram francamente em alta. Em junho de 1920, o custo da vida era de mais do dobro dos níveis verificados antes da guerra. Nesse *boom* inflacionário de pós-guerra, os preços por atacado, que por ocasião do armistício já haviam atingido o dobro, em comparação com os preços anteriores à guerra, atingiram uma alta de quase duas vezes e meia, comparados com os preços de julho de 1914, nas vésperas da primeira guerra. O interesse comum das nações na batalha contra a inflação tem sido reconhecido nas medidas

de cooperação e em conferências internacionais. A conferência do Rio de Janeiro, em 1942, recomendou que as nações americanas tomassem medidas para prevenir a especulação comercial através do aumento dos preços de exportação.

De conformidade com esta recomendação, os Estados Unidos, sem perda de tempo, tornaram a regulação dos preços de exportação parte integrante do seu sistema de controle dos preços em geral. Tal como se passa na guerra global, a batalha pela estabilidade dos preços não respeita fronteiras nacionais; de uma maneira ou de outra, tódas as nações têm sentido os efeitos da desordem econômica causada pela guerra. Os transportes marítimos têm sido postos essencialmente no tráfego de guerra. O mesmo acontece com a indústria nos grandes países industriais. O potencial humano e os abastecimentos têm sido postos à disposição das necessidades bélicas, em escala nunca antes verificada na história. Os efeitos têm sido vividamente verificados na pressão sobre os preços.

Em geral, as alterações nos preços exprimem condições mutáveis na oferta e na procura. A guerra, principalmente, a guerra mundial, é o maior elemento perturbador do equilíbrio entre a oferta e a procura. De ordinário, o único remédio para a inflação é aumentar os abastecimentos, isto é, a oferta, para satisfazer a procura. Este remédio, entretanto, não pode ser aplicado enquanto a guerra estiver absorvendo 50 por cento ou mais da capacidade produtiva industrial da nação, como ocorre com os Estados Unidos neste momento. Sob tais condições, a melhor solução é tentar reduzir a procura e distribuir os abastecimentos disponíveis tão equitativamente quanto possível entre os que deles carecerem.

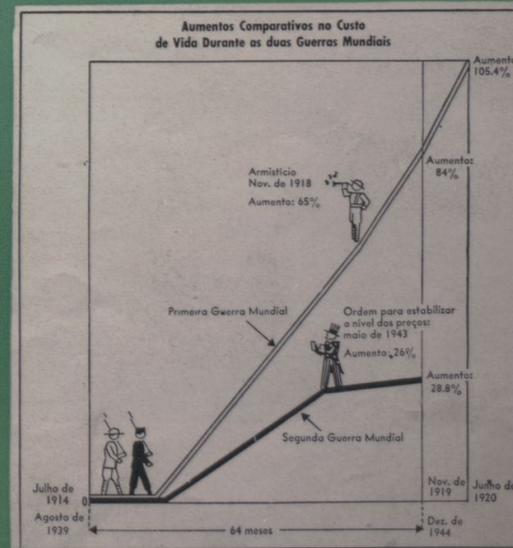
Este princípio de distribuição equitativa, em que se baseia o sistema de racionamento para o público consumidor, nos Estados Unidos, é o mesmo que preside a distribuição proporcional de artigos escassos entre as nações amigas. As outras repúblicas americanas têm recebido a sua parte proporcional de artigos manufaturados e de materiais constantes de reduzidos estoques. Esta divisão de mercadorias e materiais, tal como acontece com o controle de preços de exportação, tem contribuído para reduzir as dificuldades da concentração industrial nos objetivos de guerra.

Enquanto isto, nos Estados Unidos, a estrutura dos preços controlados está sendo sujeita a uma crescente pressão. Aumenta a produção de muitos tipos de equipamento bélico. Os estoques de automóveis, de refrigeradores e de outros artigos de consumo civil, os quais não estão sendo manufaturados, têm diminuído continuamente, ao passo que os artigos em uso vão se gastando cada vez mais. Consideráveis somas em dinheiro estão sendo acumuladas em bancos e em caixas econômi-

cas, em contas particulares e de firmas comerciais; grande parte destes fundos será empregada na aquisição de novos automóveis, refrigeradores elétricos, máquinas de costura, casas residenciais e outras coisas que não se pode conseguir agora.

A redução, eventualmente, das despesas de guerra e da produção de armamentos, causará efeitos deflacionários. Enquanto as fábricas estiverem se reconvertendo para a produção civil, há a possibilidade de que milhões de operários se vejam temporariamente sem trabalho. Durante este período de reajustamento, os preços das substâncias e de alguns materiais poderão sofrer uma baixa mesmo considerável. Virá então a tentação de afrouxar o controle, na presunção de que o perigo das altas intempestivas tenha sido exagerado. A verdadeira crise pode surgir exatamente depois desta lascidão — talvez dentro de três a sete meses após o início do período de reconversão. Virá, portanto, a grande prova na batalha para manter a linha de defesa contra a crescente procura de mercadorias e de materiais, incentivada por uma maior acumulação de poder aquisitivo do público consumidor, em volume jamais verificado na história financeira norte-americana.

A não ser que a linha seja firmemente mantida neste ponto, enfrentaremos o perigo de uma elástica espiral inflacionária, com os salários, alugueres e outros elementos da estrutura econômica procurando impulsionar o preço das commodities e de mercadorias para uma perigosa ascensão. O que resultará desta espiral já tem sido sobejamente demonstrado na história das inflações passadas. A espiral prosseguirá no seu curso produzindo os resultados do costume: falências, ruína por tódta parte, desemprego em massa e perturbação social. E se não conseguirmos sobrepujar essa crise de proporções econômicas tremendas, só a vitória nas frentes da guerra não bastará para criar um mundo próspero.



Formulando Planos para a Paz Mundial

A SIGNIFICAÇÃO DA CONFERÊNCIA DE SAN FRANCISCO

REUNINDO-SE em face da urgência causada pelo iminente colapso da resistência organizada alemã e da premência de vastos problemas herdados do regime nazista, as Nações Unidas dedicaram seus esforços na Conferência de San Francisco para o único propósito de criar, sem mais demora, uma organização internacional para manter a paz e promover, em ordem, a prosperidade do mundo.

Os delegados de 49 nações, empenhados na missão de maior significação histórica de todos os tempos, e reunidos às margens do Pacífico, estavam certos de que não poderiam, de uma assentada, alcançar a perfeição na gigantesca obra de erguer a estrutura da paz permanente. A conferência era apenas o começo.

Contudo, o fato de ainda estarem se sacrificando nos campos de batalha da Europa milhares de homens para arrazar a máquina nazista de agressão e prepotência; e também a circunstância de estarem outros milhares de combatentes a caminho do Oriente para uma luta ainda mais longa contra os japoneses, de muito contribuíram para que os delegados assumissem uma atitude de intenso interesse ao enfrentar os trabalhos que os levavam a San Francisco.

O Presidente Harry S. Truman, no exercício do cargo apenas duas semanas desde que sucedeu o grande batalhador Franklin D. Roosevelt, abriu a conferência com um discurso irradiado da Casa Branca, em Washington, declarando: "Vós, membros desta conferência, ireis ser os arquitetos de um mundo melhor. Em vossas mãos repousa o nosso futuro. De acordo com o que fizerdes nesta conferência, ficaremos sabendo se a humanidade sofredora realizará uma paz justa e duradoura."

Urgiu que "em nome de um grande humanitário," o Presidente Roosevelt, e de outros destemidos campeões que também fizeram o supremo sacrifício, servindo sob a bandeira de muitas nações para assegurar a justiça, "devemos dedicar nossos esforços e nossa vida para garantir a justiça — para todos."

"Estamos todos cientes," afirmou o presidente, "de que atualmente só se conquista a vitória numa guerra por meio de poderosos esforços conjugados. Sem dúvida alguma, a vitória na paz exige, e tem que se lhe dar, igual esforço. O homem aprendeu, há muitos séculos, que é impossível viver por si só. Esse mesmo princípio básico aplica-se hoje às nações. Não estivemos isolados durante a guerra e não ousamos ficar isolados na paz. Chegamos todos à conclusão de que, para se terem bons vizinhos, é preciso que

começemos por ser bons vizinhos. Esse princípio se aplica a todos os ramos da atividade humana."

As palavras do Presidente Truman receberam imediato apoio expresso nas garantias dadas por outras nações no sentido de cooperarem vigorosamente para satisfazer o anelo de todos os povos pacíficos por uma segurança permanente e um melhor futuro para o mundo. A obra das Nações Unidas em San Francisco, conquanto de vulto excepcional, já tinha sido encaminhada consideravelmente pelos vários trabalhos preliminares feitos anteriormente para formular a base da organização de segurança.

Foram trabalhos que evoluíram através da íntima cooperação das Nações Unidas no esforço comum da guerra e em várias conferências reali-

zadas entre as nações e seus líderes sobre os múltiplos problemas resultantes da guerra. Houve as conferências sobre questões militares e políticas efetuadas no Cairo, em Quebec, no Teerã e na Criméia. Devido ao fato de ser a segurança econômica essencial à estabilidade da paz, as Nações Unidas reuniram-se em conferência em Atlantic City, em Hot Springs e em Bretton Woods, nos Estados Unidos, tratando de medidas atinentes ao socorro às nações devastadas pela guerra; a matérias relativas a alimentos e agricultura, e à preparação de um plano financeiro para a reconstrução econômica e expansão da economia mundial depois da guerra.

Em Dumbarton Oaks, os representantes de quatro das maiores potências combatentes, os Estados Unidos, Inglaterra, Rússia e China, em constante consulta com as demais repúblicas americanas e outras nações, elaboraram as propostas para uma organização de segurança mundial, as quais ficaram conhecidas por Propostas de Dumbarton Oaks, e foram bastante divulgadas.

(Continúa)



Com a participação de representantes de 49 nações, inaugura-se no Teatro da Ópera de San Francisco a conferência para tratar da organização da paz



Entre os presentes à conferência de San Francisco viam-se muitos combatentes recém-vindos do "front"



O extraordinário interesse despertado pela histórico conclave atrai o grande público, ansioso de ver os delegados, arquitetos da estrutura da paz

Na Cidade do México, a Conferência Interamericana sobre os Problemas da Guerra e da Paz fortaleceu a ligação existente entre as repúblicas do hemisfério ocidental e preparou o caminho para integrar o sistema interamericano com a organização mundial.

Assim, os ministros estrangeiros e outros delegados das Nações Unidas dispunham de um modelo básico na Conferência de San Francisco para iniciar seus trabalhos relativos a uma organização de nações soberanas, que, em cooperação, tenham poderes para manter a paz e para agir afim de afastar os motivos econômicos e outras causas das guerras, melhorando o padrão de vida de todos os povos.

As Propostas de Dumbarton Oaks e outras recomendações e modificações apresentadas foram submetidas à franca discussão em San Francisco, cuja conferência constitui o ponto decisivo na formação da organização garantidora da paz com justiça para homens livres num mundo livre. A única tarefa da conferência era elaborar a constituição ou magna carta da organização mundial, mantendo este propósito acima e à parte da liquidação da paz e de muitos outros complexos problemas políticos e econômicos decor-

rentes da derrota da Alemanha e do Japão. Ainda outras reuniões internacionais e outras decisões far-se-ão necessárias para atender a tais problemas. Ficou igualmente reconhecido que o sucesso da Conferência de San Francisco, só por si, não é garantia de uma paz permanente; que a conferência pode unicamente elaborar o plano e firmar as bases para a estrutura a ser erigida depois que as Nações Unidas, por seus respectivos processos constitucionais, ratificarem os termos do instrumento jurídico fundamental da organização, dando-lhe vida ativa e produtiva para seus elevados objetivos.

Duas condições foram consideradas essenciais para o estabelecimento de um sistema prático de segurança mundial:

1. Que as nações pacíficas que dispõem de recursos militares e industriais bastantes para evitar ou coibir a agressão devem concordar e agir conjuntamente contra o agressor. Nas Propostas de Dumbarton Oaks esta hipótese está considerada.

2. Que, da cooperação voluntária devem participar todas as nações pacíficas, grandes e pequenas, agindo com mútuo e pleno respeito pela igualdade de soberania de cada uma, com o fim

de promover a justiça entre as nações, cultivar o respeito pelos direitos básicos do homem e solver os problemas comuns a todas, problemas dos quais tanto dependem a segurança e o progresso econômico e social de seus povos. A Corte Internacional de Justiça, a Assembléia e o Conselho Econômico e Social da organização mundial foram as instituições propostas para assumirem as maiores responsabilidades nesses campos de ação.

O local escolhido para a conferência, a cidade de San Francisco, é uma das mais apropriadas para o caráter internacional do histórico conclave. Ali se conjugam Oriente e Ocidente, numa grande metrópole cosmopolita que é também um dos maiores e mais movimentados centros marítimos do mundo.

Sua importância militar, especialmente na guerra contra o Japão, evidenciou-se a miúdo, na presença de combatentes em trânsito. Foi um detalhe que serviu para lembrar os delegados de todas as partes do mundo que, no momento mesmo em que se esforçavam para criar um aparelhamento de paz efetivo para o futuro, ainda havia pela frente muita luta até a vitória total no Pacífico, contra um cruel e abjeto inimigo.

Discurso do Presidente Truman à Conferência de San Francisco

SENHORES DELEGADOS à Conferência das Nações Unidas sobre Organização Internacional: O mundo sentiu o renascimento de uma velha fé na eterna força moral da justiça. Em tempo algum da história, se realizou uma conferência de maior importância, nem de maior necessidade, como a que se realiza em San Francisco, que hoje inaugurais. Falando em nome do povo norte-americano, eu vos apresento sinceras saudações de boas vindas.

O Presidente Roosevelt, nomeou uma competente delegação para representar os Estados Unidos. Deposito inteira confiança no seu chefe, o Secretário de Estado Stettinius, e nos seus distintos colegas, o ex-Secretário Cordell Hull, senadores Connally e Vandenberg, representantes Bloom e Eaton, o Governador Stasse e deã Gildersleeve. Eles contam com a minha confiança, o meu apoio.

Em nome daquele grande filântropo, que certamente está hoje aqui em espírito, eu apelo para cada um e para todos vós, para que vos coloquais acima de quaisquer interesses pessoais, e que abraçais os elevados princípios que beneficiam a toda a humanidade. Franklin D. Roosevelt sacrificou a sua vida, procurando perpetuar esses elevados ideais. Esta conferência deve a sua existência, em grande parte, à visão, ao descortino e à firme decisão de Franklin Roosevelt. Cada um de vós pode recordar-se de outros destemidos paladinos, que também fizeram o supremo sacrifício, a serviço de nossa bandeira. Sacrificaram suas vidas, afim de que outros pudessem viver em segurança. Morreram, afim de assegurar a justiça. Devemos trabalhar e viver para garantir a justiça — para todos.

Vós, membros desta Conferência, ireis ser os arquitetos de um mundo melhor. Em vossas mãos repousa o nosso futuro. De acordo com o que fizerdes nesta Conferência, ficaremos sabendo se a humanidade sofredora realizará uma paz justa e duradoura. Trabalhem para realizar uma paz que se seja realmente digna de seus grandes sacrifícios. Devemos ter a certeza, pelo trabalho que aqui fizerdes, de que uma outra guerra não será possível.

Nós, os que vivemos durante o período torturante e trágico de duas guerras mundiais, devemos conhecer a magnitude do problema, com que nos defrontamos. Não precisamos ter uma visão larga para entendermos o curso recente da história. Sua significação é tão clara como o sol. A crescente brutalidade e destruição das guerras modernas, se não forem freiadas em tempo, acabarão esmagando para sempre a civilização. Temos, todavia, as pontas de um dilema a escolher: a continuação do presente caos internacional ou o estabelecimento de uma organização mundial destinada à preservação da paz. O objetivo desta Conferência não é o de redigir um tratado de paz, no velho sentido da palavra. Não viemos aqui para tratar de questões territoriais, fronteiras, cidadania ou reparações.

Esta Conferência devotará as suas energias e os seus esforços tão somente ao simples problema de lançar os fundamentos de uma organização mun-

dial para a preservação da paz. É, pois, vosso dever redigir esses fundamentos. O nosso único objetivo neste grande conclave é o de criar essa estrutura. Devemos montar o mecanismo que torne a paz futura não somente possível, mas também segura. A montagem dessa delicada máquina é muitíssimo mais complicada do que o simples delineamento de fronteiras num mapa; do que o cálculo de reparações justas, do que fixar limites razoáveis ao armamentismo. Essa tarefa terá que ser terminada em primeiro lugar.

Representamos a esmagadora maioria de toda a humanidade. Falamos em nome dos povos que suportaram a mais cruenta e devastadora das guerras até então infligida sobre homens, mulheres e crianças inocentes. Recebemos um importante mandato de nossos povos e os mesmos confiam que saberemos cumprir com o nosso dever. Cumpre-nos evitar, tanto quanto a inteligência, o coração e a esperança humanas podem fazê-lo, a repetição da catástrofe cujas conseqüências o mundo terá ainda que sofrer por longos anos. Se não tomarmos na devida consideração os grandes ideais e lançarmos mão da violência para a obtenção da justiça, estaremos granjeando para nós o ódio e o desprezo das gerações vindouras.

Não podemos continuar a sacrificar a flor da nossa mocidade para controlar loucos que têm aparecido em todos os tempos com a idéia de dominar o mundo. O sacrifício que a nossa mocidade de hoje está fazendo deverá ser compensado com os nossos esforços, na criação de uma poderosa instituição mundial baseada em princípios de justiça e de paz. A justiça ainda é a maior força deste mundo, e tão somente a ela nos submeteremos. Há nove dias declarei perante o Congresso dos Estados Unidos as seguintes palavras, as quais transcrevo textualmente:

NADA é mais essencial para a futura paz do mundo que a contínua cooperação das nações que puseram em ação todas as suas forças para a completa derrota do conluio das potências do Eixo para o domínio do mundo. Se, por um lado, essas grandes nações têm a seu cargo a tarefa de manter a paz, por outro lado essa responsabilidade repousa na obrigação dos demais países, grandes e pequenos, de não lançarem mão da violência na solução de seus problemas internacionais, excepto na defesa da lei. A responsabilidade das grandes nações é servir e não dominar os demais povos do mundo.

Ninguém de nós duvida que, com a graça de Deus, e com a cooperação fraternal e grande soma de esforços, chegaremos a encontrar uma chave para o problema que os acontecimentos históricos acabam de pôr perante nós. Tendo em mira os fins de nossa tarefa e a imperiosa necessidade de sermos bem sucedidos, devemos agir com humildade e determinação. Por meio de uma cooperação harmoniosa, as Nações Unidas repeliram o assalto da maior máquina militar jamais organizada na história das guerras de conquista. Todas as nações que ora lutam pela liberdade estão contribuindo consoante a sua capacidade e oportunidade.



Estamos todos cientes de que atualmente só se conquista a vitória numa guerra por meio de poderosos esforços conjugados. Sem dúvida alguma, a vitória na paz exige, e tem que se lhe dar, igual esforço. O homem aprendeu, há muitos séculos, que é impossível viver por si só. Esse mesmo princípio básico aplica-se hoje às nações. Não estivemos isolados durante a guerra e não ousamos ficar isolados na paz. Chegamos todos à conclusão de que, para se terem bons vizinhos, é preciso que comecemos por ser bons vizinhos. Esse princípio se aplica a todos os ramos da atividade humana.

PARA uma tranquilidade imperecível é preciso que os homens de boa vontade se unam e se organizem. Todavia, se a nossa política de paz for tomada como fraqueza, pelos provocadores de guerras, a organização que estabelecermos deverá estar convenientemente preparada para fazer face a qualquer desafio. Continuarão as diferenças de opinião entre os homens e entre as nações. Na verdade, tais diferenças mantidas dentro dos limites do razoável, são benéficas. Todo o progresso teve suas origens nas diferenças de opinião, e não cessa a sua expansão enquanto se harmonizam as diferenças pela razão e compreensão mútuas.

Nestes últimos anos, nossos inimigos, de um modo insofismável, demonstraram o que pode acontecer, quando a liberdade de pensamento não é mais tolerada. Nosso problema básico, então, é prover um mecanismo prudente, que resolva as disputas entre as nações, sem o que não poderá haver paz. Não mais poderemos permitir que qualquer nação, ou grupo de nações, tente solucionar suas disputas com bombas e baionetas.

Se continuarmos a apelar para tal meio, ver-nos-emos compelidos a aceitar a filosofia fundamental de nossos inimigos, a saber: "A força é o direito". Então, para contestarmos esta premissa, o que certamente faremos, seremos obrigados a providenciar sobre os meios de refutá-la. Palavras não bastam. Devemos, para sempre, inverter a ordem e provar de um modo definitivo, pelos nossos atos, que "o direito é superior à força".

Se não desejarmos perecer na guerra, devemos aprender a viver juntos na paz. Com fé inabalável em nossos corações, para nos mantermos no árduo caminho da vitória, encontraremos um meio de estabelecermos uma paz duradoura, em prol de toda a humanidade.

Impos-se-nos edificar um novo mundo; um mundo bem melhor, em que a imortal dignidade do homem seja respeitada. Ao incumbir-nos desta pesada tarefa, imploramos a Deus todo poderoso que nos oriente na edificação de um monumento eterno em memória dos que deram a vida para que tal se realize. Que ELE guie nossos passos pela SUA própria e justa vereda de paz.

HOSPITAL AMBULANTE

A CAMPANHA CONTRA A CEGUEIRA NAS REMOTAS REGIÕES DO MÉXICO

TRAJES e sandálias de côres vivas predominavam entre aquela gente simples que se aglomerava na praça da pequena vila na serra mexicana. Ouviu-se um murmúrio de excitação, seguido de ansioso silêncio, e o *Hospital Ambulante*, o automóvel da Associação para a Prevenção da Cegueira, chegou, vencendo a estrada estreita, indo parar no meio da praça.

O jovem interno desceu do assento ao lado do chofêr e, da ambulância, saíram o médico e a enfermeira em seus alvos uniformes. Era um momento importante, e todos se aproximaram, para ver a jovem que seguia a enfermeira. Era uma jovem de 16 anos, Lupe, que, por um momento permaneceu olhando, surpreendida, aque-

la gente com quem ela convivera toda a sua vida, mas que nunca pudera ver, porque era cega. Com certo espanto, observou atentamente os semblantes mais próximos e, de repente, lançou-se aos braços de uma mulher que a olhava ansiosamente. Ninguém havia proferido palavra; todos esperaram para verificar se, na realidade, Lupe podia ver. Ela *vía*, pois, reconheceu sua própria mãe, sem lhe ter ouvido a voz. Acercaram-se todos, fazendo-lhe mil perguntas, como para se assegurarem desse sucesso espetacular, enquanto o pessoal da ambulância observava, com íntima certeza de ter o seu serviço ganho a confiança de mais uma seção do país. Seis semanas antes, a ambulância fizera a sua primeira

visita a esta vila, trazendo alento e esperança. Quando a enfermeira relatou à jovem Lupe as maravilhas de *poder ver*, e o médico examinou seus olhos e lhe disse que podia curá-la no grande hospital da cidade, muitos pareceram duvidar da afirmação; mas Lupe ouviu-o com absoluta confiança. E porque ela estava convencida que valia a pena e, ademais, não lhe custava nada, suplicou a seus pais, um tanto duvidosos a princípio, mas que, afinal, deram a ansiada permissão. E agora, ali estava a ambulância novamente, e Lupe, de volta, já completamente curada, podia ver. De sorte que, quando o médico instalou um pequeno dispensário e consultório provisório numa casa vazia, na esquina próxima, todos os doentes dos olhos não tardaram em se submeter a exame e tratamento. E desde aqueles que já eram cegos há muitos anos, até um garotinho estrábico, todos se retiraram com o coração transbordante de fé e de esperança. Já tinham tido uma prova.

Grande parte deste grandioso serviço deve-se aos esforços constantes de uma mulher mexicana cuja vida tem sido dedicada ao bem dos cegos — a Sra. Adela Formosa de Obregón Santacilia. Em 1936 assumiu ela a presidência da Associação para a Prevenção da Cegueira, então quase inoperante, e deu extraordinário impulso aos trabalhos que se relacionavam com os objetivos da organização — contribuir para restaurar a vista a milhares de afitos, como no caso da jovem Lupe.

Num Congresso Médico Nacional, realizado em 1918, o eminente especialista Dr. José de Jesús González, referiu-se eloqüentemente ao elevado número de casos de cegueira no México, fazendo a exposição de um bem elaborado estudo a respeito. Com entusiasmo patriótico, um grupo de médicos organizou imediatamente a Associação para a Prevenção da Cegueira, criando, na Cidade do México, a primeira clínica gratuita para o tratamento das doenças dos olhos.

A ambulância fazendo entrega de remédios aos moradores de uma das aldeias em paragens remotas



O bem que a humanitária entidade tem feito desde a sua fundação, é incalculável; mas, com o correr do tempo, sobrevieram dificuldades financeiras e de como levar seus valiosos serviços à grande massa do povo espalhado pelo país.

Em 1926, o então Ministro do Tesouro, Alberto Pani, instruído pelo Presidente Calles, cedeu à Associação um antigo edifício do patrimônio nacional, juntamente com uma verba de sete mil pesos para custear a sua reconstrução. E assim foi estabelecido o primeiro hospital para os cegos e para os doentes dos olhos. A natureza dos serviços requeria, entretanto, crescentes recursos monetários. Por espaço de muitos anos, os médicos do hospital trabalharam com a máxima dedicação, dificultados embora em sua ação pela falta de verba. Apelaram então para a Sra. Adela Obregón Santacilia, convidando-a para assumir a direção da útil instituição. A grande dama da sociedade mexicana, que já havia dado tanta demonstração da sua bondade e dedicação em vários movimentos de caráter social, viu que se lhe apresentava uma oportunidade para a realização duma obra de considerável vulto.

A sua aceitação foi como que uma transfusão de sangue novo na Associação. Logo de início, apelou prontamente para os seus compatriotas de reconhecida fortuna, ricos, que, de certo não lhe faltariam na sua solidariedade e apoio prático à louvável causa dos cegos. De fato, todos a receberam com as demonstrações mais elocuentes de que estavam às ordens da prestimosa senhora numa campanha das mais meritórias.

Todos ajudam

O público, por sua vez, compreendeu que também lhe competia cooperar a bem dos cegos e dos doentes dos olhos, muitos dos quais, até então, se encontravam em situação precária, sem recursos e com escassa esperança de obtê-los. A Associação foi reorganizada, tanto quanto possível em bases de poder contar com certos recursos decorrentes de seus próprios serviços. De acordo com essa norma, os médicos principais trabalhavam na clínica hospitalar sem serem remunerados, e todos os doentes que estavam em condições de pagar, eram solicitados a custear o tratamento. Desta forma tornava-se possível expandir o serviço a um maior número daqueles que careciam de recursos pecuniários.

Foram criadas clínicas nas principais cidades da república. E em 1939 concluiu-se a construção de um moderno hospital, de elevado custo, pelo caráter de suas grandes instalações. O verdadeiro custo, entretanto, ficou reduzido de cinquenta por cento, graças às doações de serviços e de materiais. Em fins de 1941, eram satisfeitos os últimos pagamentos da sua construção.

Já então, com o hospital em pleno funcionamento, a Sra. Obregón Santacilia começou a expansão necessária dos serviços da Associação às remotas regiões do país. Era, porém, impossível criar clínicas em todas as localidades e urgia ainda educar a população rural, para que os serviços médicos se tornassem efetivos. Por isto, a diretora da Associação resolveu adotar a idéia das clínicas ambulantes.

A esse tempo, a esforçada presidente já havia demonstrado o muito que podia realizar e, quando apelou para o Presidente Cárdenas, para a execução do seu plano, o Chefe de Estado, num dos últimos atos de seu governo, concedeu prontamente o auxílio pedido. Fez-se então a aquisição de uma grande ambulância-automóvel, para servir de dispensário, completamente equipado com um compartimento para operações e



O pequenino enfermo não parece gostar do tratamento, mas se sentirá mais feliz quando ficar curado. A direita: A Sra. Adela Formosa de Obregón Santacilia, cujo vida tem sido devotada à causa dos cegos

tudo, o material necessário. O pessoal ficou composto de um médico especialista, de um interno, uma enfermeira e o chofêr, habilitado para auxiliar nos trabalhos de enfermagem. Na primavera de 1941, o ambulatório fez a sua excursão inicial.

Desde então, o serviço ambulante ganhou fama e popularidade, alcançando os rincões mais remotos do país, na sua grande missão. O povo compreendeu imediatamente a significação da sua presença em longínquas paragens e passou a idolatrar os seus abnegados servidores. Na maioria, os casos são atendidos nas próprias localidades, e, depois de operados os doentes que requerem apenas operações ligeiras, ficam os mesmos sob os cuidados do médico local, ou do que ficar mais próximo, especialmente instruído para atender ao caso. Se o doente tem que ser hospitalizado, é removido para o hospital da capital mexicana, como no caso da menor Lupe.

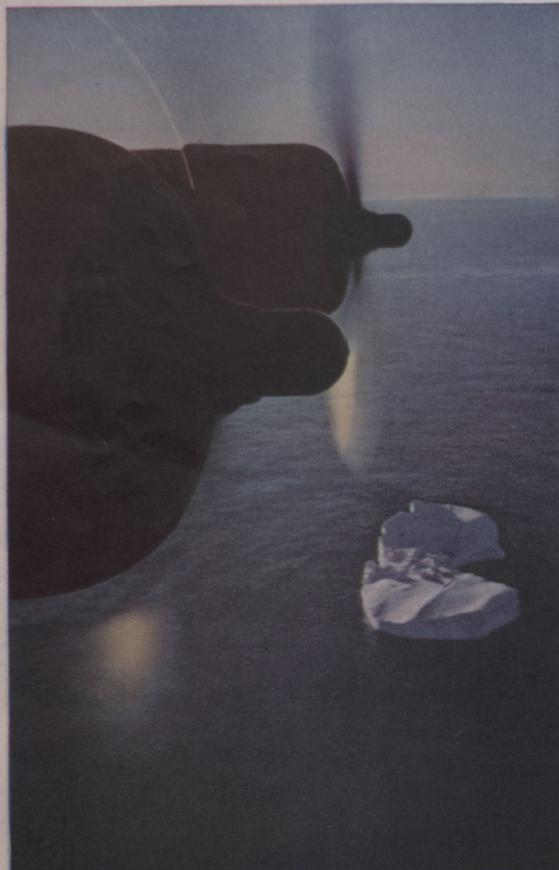
Nos três anos de seu funcionamento, o ambulatório tem prestado serviços a uma grande área, cuja população é de mais de três milhões de habitantes. Atendeu a mais de 20.000 doentes, os quais, de outra forma, talvez nunca tivessem podido receber tratamento médico-especializado, ficando assim condenados à completa cegueira.

O programa da Associação visa aumentar o serviço para dez ambulâncias, logo que terminar a guerra, quando for possível a obtenção de veículos especialmente construídos para esse fim.

A presidente da Associação dispensa aos seus encargos uma atenção e carinho que exprimem o seu interesse em ser útil à sociedade como um simples cumprimento de dever. Esta noção ela a cultivava desde o tempo de sua juventude, quando já julgava que a mulher também devia preparar-se para as iniciativas de benefício geral.



O Comando de Transportes Aéreos



Grandes "icebergs" como este são vistos comumente na rota mais distante do Comando de Transportes Aéreos, perto do círculo ártico, no extremo setentrional

E DIFÍCIL referir à atividades do Comando de Transportes Aéreos da Força Aérea do Exército dos Estados Unidos sem recorrer a superlativos. Em pouco mais de três anos e meio, servindo-se da experiência adquirida pelas linhas aéreas comerciais, o Comando transformou-se no maior sistema de transporte do mundo — para carga e para entrega de aviões, transportando pessoal técnico e materiais vitais e voando os aviões de combate para todos os teatros da guerra. Seus aviões regressam com feridos para os hospitais militares e com matéria prima estratégica para as fábricas dos Estados Unidos.

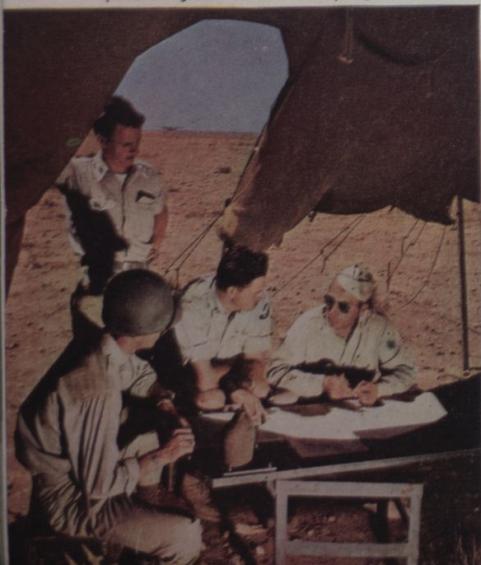
Circundando o globo em várias direções, suas rotas estendem-se por mais de 256.000 quilômetros, ou sejam mais de seis vezes à volta do mundo. Alcançam todos os continentes, experimentam todos os climas. Estas rotas são muito mais que as tênues linhas marcadas nas cartas aeronáuticas. Na verdade são possantes artérias pelas quais circula a grande ceiva que alimenta os arsenais das Nações Unidas.

A operação do Comando de Transportes Aéreos é a base para um sistema mundial de transporte de todas as nações, e a valiosa experiência que lhe foi facilitada pelas linhas comerciais será devolvida imensamente mais enriquecida. As estatísticas que dão uma ligeira idéia do trabalho realizado pelo Comando são como o seu próprio sistema — sem precedentes. Algumas cifras ilustram a assertiva: o Comando voa mais de 80.000.000 quilômetros por mês, sendo a maior parte do percurso sobre o mar e por terras estrangeiras, destacando-se muitas regiões montanhosas nunca até então exploradas. Seu serviço divide-se quase que igualmente, entre o serviço de transporte de carga e o de entrega de aviões.

Seu total de percursos alcançado em 1944 foi de muito mais de 960 milhões de quilômetros. Transporta passageiros de guerra numa média de 100 mil por mês, na maioria para além-mar. Está fazendo o transporte de mais de 5.000 feridos e doentes militares para os Estados Unidos, e conduzindo mais de 6.000 feridos, dos pontos de desembarque para os hospitais. Transporta mais de 1.500 frascos de sangue por dia para o teatro europeu da guerra; mais de 100.000.000 quilos de carga de alta prioridade, todos os meses, inclusive 20.000.000 quilos de correspondência postal. Em seis meses, mais de 14.000.000 de quilos de material estratégico seguiram em seus transportes para fora dos Estados Unidos. Seu tráfego é tão intenso que, pelas rotas do Atlântico, voa um de seus aviões-transportes de 13 em

(Continúa)

Designando os aviões para o serviço de transporte de guerra na zona de operações na África

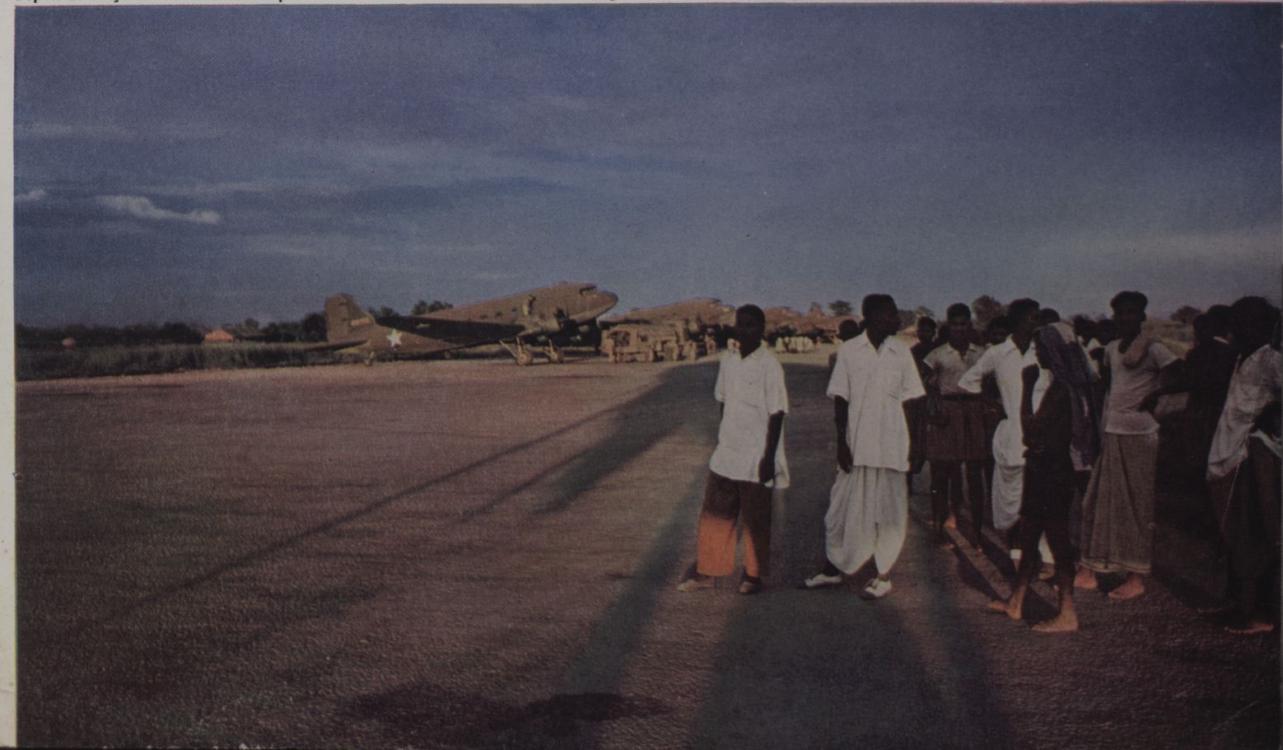


A África está livre dos nazistas, mas o pessoal do Comando de Transportes ainda enfrenta os grandes inimigos naturais da região: as tempestades de areia



Os transportes raramente fazem-se acompanhar de caças, para escolta, na zona de operações na Ásia. Quando são atacados, escondem-se nas nuvens

Depois de lançarem abastecimentos para os combatentes nas densas matas na região dos montes Himaláia, os aviões regressam às suas bases, na Índia



13 minutos, e pelas do Pacífico, de 90 em 90 minutos. O Comando de Transportes Aéreos teve origem em maio de 1941, quando o Presidente Roosevelt ordenou ao Secretário da Guerra Stimson que assumisse inteira responsabilidade pela entrega de aviões à Inglaterra. Subseqüentemente, esta função ficou extensiva à entrega de materiais a outros países com os quais foram feitos acordos de empréstimos e arrendamentos. Após a entrada dos Estados Unidos na guerra, o serviço aumentou para a entrega de aviões e de materiais às forças aéreas norte-americanas, no país e no estrangeiro.

Organização modelar

Os problemas que então confrontavam a nova organização eram vastos e complexos. Envolveram a procura de pessoal e equipamento; o estabelecimento de um sistema unificado de comunicações; estações meteorológicas e bases, juntamente com o elaborado programa de preparação de pilotos. As linhas aéreas comerciais cederam seus experimentados diretores e auxiliares técnicos, pilotos, mecânicos e rádio-telegrafistas. Das rotas regulares de tempo de paz, seus aviões passaram a formar novas rotas aéreas pelo mundo inteiro. A decana das linhas ultramar-

nas, a Pan American Airways, foi chamada para abrir novos roteiros na África, com rumo ao então ameaçado Oriente-Médio. As linhas aéreas nacionais guardaram seus aviões com pilotos veteranos e, em pouco, os mistérios da navegação aérea sobre os mares foram se dissipando, transformando-se em rotina.

Fornecendo o seu próprio pessoal técnico, as linhas nacionais também estavam em atividade preparando milhares de guarnições para o serviço da Força Aérea do Exército, expandindo assim, rapidamente, o Comando de Transportes Aéreos.

Seus núcleos tornaram-se, pois, grandes escolas, verdadeiros reservatórios de pilotos, navegadores, rádio-telegrafistas, engenheiros aeronáuticos e pessoal de terra, de onde eram formadas as guarnições para o tremendo impulso que o tráfego aéreo estava recebendo. Por sua vez, todo este pessoal adestrado também servia para desenvolver rapidamente os cursos das escolas de aviação do Exército. Todos os problemas tinham que ser resolvidos com rapidez e precisão afim de manter ininterrupta a remessa dos novos aviões saídos das fábricas, prontos para partirem para as várias frentes de batalha. A organização do Comando de Transportes Aéreos propor-

Em meados de 1944, por exemplo, a Junta de Produção de Guerra notificou ao Comando que os estoques de talco nos Estados Unidos estavam se reduzindo alarmantemente, e que a produção de válvulas eletrônicas para os aparelhos radar teria de ser suspensa em dez dias, caso não recebessem abastecimentos urgentes vindos da Índia. Três aviões-transportes foram imediatamente desligados de outras importantes rotas e, quatro dias depois, chegava a Miami o primeiro carregamento de 50 quilos de talco procedente da Índia. Em fins de 1943, o Comando de Transportes Aéreos tinha um pessoal composto de mais de 85.000 homens, entre oficiais, inferiores e praças. Sua força atualmente atinge um total de 150.000 homens, operando nas linhas da Índia a China, do Pacífico, do Alaska, do Mar das Caraíbas, do Atlântico-norte, África Central e divisões da Europa.

Perdas mínimas

Apesar do seu enorme tráfego, as perdas de aviões têm sido extremamente pequenas, verificadas tanto durante o transporte de carga como na entrega de aviões. Em 1944, o Comando fez entrega de 99,7 por cento do total de aviões aceitos para serem entregues, mesmo a despeito das



Alguns dos aviões transportes são dotados de assentos alcochoados para maior conforto dos exhaustos pilotos aviadores que regressam para um repouso



Para os aviões transportes pouco importam os rigores do tempo. Este aeródromo coberto de neve está situado perto do círculo ártico, na rota européia

Embarque de pilotos num dos aeródromos brasileiros, importantes etapas nas rotas do Comando



cionava-lhe ampla facilidade de movimentação, flexibilidade e múltiplas aplicações, sendo ainda o único meio de transporte existente para certas áreas do mundo.

A rápida expansão das frentes de batalha, de par com a intensidade da guerra de movimento, ditou a necessidade de um sistema de transporte aéreo completamente novo, até mesmo para a guerra moderna. Dessarte, o Comando de Transportes Aéreos foi criado para facilitar a solução dos problemas que os Estados Unidos estavam enfrentando com a guerra em dois oceanos, ou melhor, a guerra global. Mesmo agora, grande parte das operações desse valiosíssimo serviço continua a ser feita em segredo. Mas a sua ação ressalta sempre inestimável, sobretudo nas emergências, do que tem havido freqüentes provas.

tentativas do inimigo para impedir a entrega. Conquanto algumas das suas rotas e das bases estratégicas e o movimento de aviões para as zonas de combate não sejam ainda divulgadas, por motivo de segurança militar, pode dizer-se que as operações do Comando se estendem por todo o mundo, fazendo contato com todas as frentes de batalha. Alongam-se pelo Atlântico norte e sul; seguem da Florida para o nordeste do Brasil, cruzando o Atlântico diretamente ou por via da ilha de Ascensão, com rumo à África, onde seguem pela costa do noroeste, para vários pontos na zona italiana da guerra, ou voam para oeste, através da África, para a Índia. As rotas do Atlântico-norte fazem escala em Labrador, Groelândia, Islândia e Escócia. No Pacífico, os pontos terminais são em San Francisco, Ha-

waii e daí para as ilhas Canton, Nova Caledônia, Austrália e Nova Guiné; de Hawaii seguem pelas ilhas centrais do Pacífico até Guam e Saipan e, agora, até às ilhas Filipinas. A outra rota do Alaska faz escala em Fairbanks, Nome e Adak. Produto das urgentes necessidades da guerra e desenvolvendo constantemente os seus serviços de acordo com a movimentação das forças combatentes, o Comando de Transportes Aéreos já assume as proporções de uma organização que, depois da restauração da paz, devolverá às linhas aéreas comerciais do mundo seus técnicos, com a grande soma de experiência e enorme quantidade de equipamento que servirão para ajudar a reduzir ao mínimo o tempo e as distâncias nas viagens aéreas.

Como fator para a vitória das armas aliadas, a vasta e eficiente operação do Comando foi dos mais decisivos no período crítico da guerra,

quando os submarinos nazistas ameaçavam as rotas marítimas; e continua a ser agora, que, graças à presteza dos seus serviços de abastecimentos, mesmo as frentes mais longínquas, em remotas regiões da Ásia, acham-se consolidadas contra o inimigo.

A formidável tarefa de que se tem desempenhado com rara habilidade o Comando de Transportes Aéreos, de fato, não pode ser descrita sem lhe atribuir os justos superlativos que exprimem o mais alto grau da sua eficiência e organização, sobretudo considerando as tremendas dificuldades vencidas a tempo—quando o tempo era então o elemento mais escasso.

Homens de todas as raças trabalham para o Comando. Aqui vemos alguns naturais da Nova Guiné



Um transporte aéreo de guerra voando por sobre as antigas pirâmides do Egito, numa missão de abastecimento dos exércitos em operações no ocidente



A Sericicultura no Brasil



Larvas do bicho da seda prontas para começarem a produção do casulo. A amoreira, cujas folhas constituem o seu melhor alimento, dá-se bem no Brasil

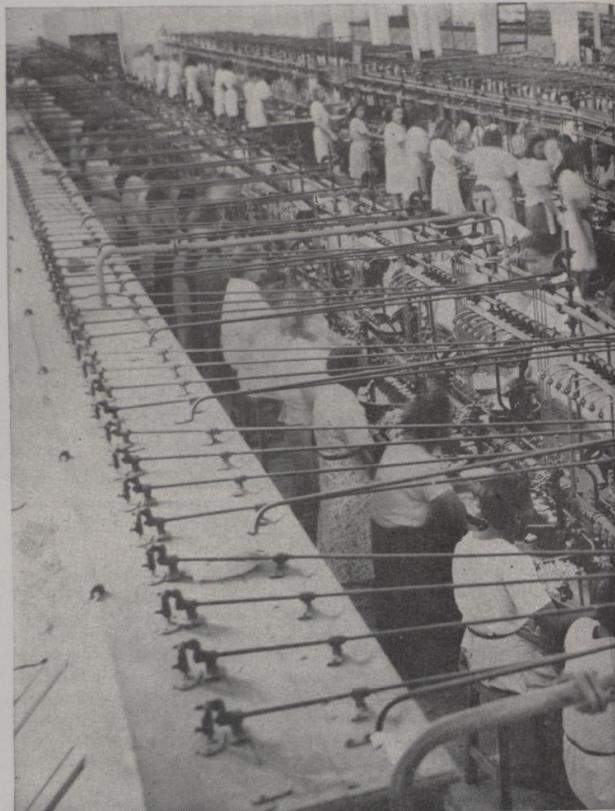
SERIA dizer com acerto que, se o bicho da seda se visse na contingência de procurar refúgio permanente, por causa da guerra, não encontraria para isso lugar mais apropriado que o Brasil.

Datam de muitos anos as tentativas para implantar a sericicultura em vários pontos do território brasileiro, por isso que a amoreira, cultivada para ser alimento do industrioso bomicíneo, adapta-se admiravelmente em todo o país, dispensando mesmo os extraordinários cuidados que seu plantio e tratamento exigem noutras regiões do mundo, onde avulta a importância dos trabalhos sericícolas.

De tentativas esporádicas colheram-se, entretanto, valiosos ensinamentos inteligentemente aproveitados. Formaram-se especialistas de rara compreensão das necessidades regionais e o governo, interessado em animar as boas iniciativas, deu o impulso indispensável para a criação de uma indústria capaz de satisfazer o consumo interno, exportando o excesso.

A guerra atual veio, pois, encontrar o país suficientemente preparado para desenvolver a sua sericicultura, nivelando a qualidade do produto com o que de melhor se obtém no estrangeiro. Em várias nações do hemisfério tem havido a criação do sirgo com maior ou menor resultado; o Brasil, porém, possui mais acentuadamente os fatores essenciais para a criação dessa nova riqueza. Seu clima reúne, com poucos outros países, as condi-

ções mais favoráveis à metamorfose do bicho da seda e ao cultivo da amoreira — ao ponto de permitirem se façam, no mínimo, quatro colheitas anuais de casulos, ao passo que, no Japão, elas não excedem de duas e na Itália é de uma apenas.



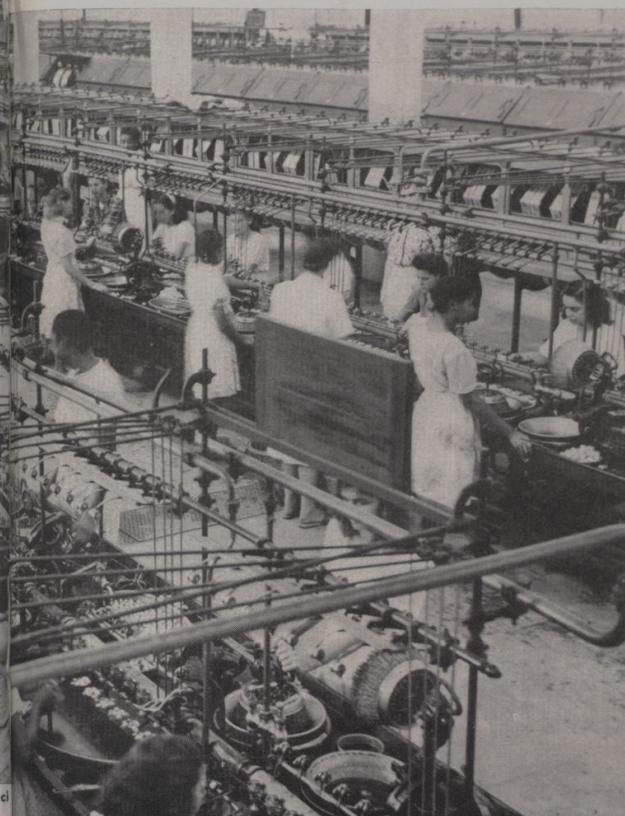
Numa das maiores fábricas da crescente indústria brasileira; máquinas especi-

almente construídas para desfiar a fibra de milhões de casulos do bicho da seda

O desenvolvimento da sericicultura no Brasil processa-se sob as mais rígidas normas de fiscalização e orientação governamental, com o inestimável concurso de numerosos técnicos brasileiros cuja comprovada experiência está sendo segura orientação no sistema que mais convém às regiões locais. A indústria tem, em todas as suas fases, a assistência oficial meticolosamente organizada, desde a distribuição de estacas de amoreiras e de ovos do bicho da seda até à confecção dos artigos para o mercado. É uma conjugação de esforços para alcançar ambos os fins — qualidade e quantidade do produto dentro do limite de tempo mais curto possível. A produção de casulos de qualidade apurada para fins comerciais está sujeita a especificações rigorosas para todos os fios de seda produzidos em qualquer parte do território nacional.

O órgão oficial, o Serviço de Sericicultura, do qual emanam todas as normas para a crescente e futura indústria, tem, no seu centro experimental situado em Campinas, o elemento de grande operosidade que está assegurando o sucesso da produção da seda brasileira, com S. Paulo atingindo mais de 95 por cento do total. A cooperação de numerosos imigrantes já familiarizados com os trabalhos de sericicultura abreviou bastante os estágios experimentais. Mas foi depois da brusca interrupção da importação do produto japonês, em 1941, que a indústria nacional brasileira ganhou decisivo incremento. De 1941 a 1944, aumentou de 400 por cento a produção de ovos, de amoreiras e de casulos, crescendo também, vertiginosamente, as atividades fabris. A alta natural dos preços que se constatou, em face da grande procura do produto, estimulou mais ainda o interesse

RÁPIDO DESENVOLVIMENTO DE UMA DAS INDÚSTRIAS DE GRANDE FUTURO



almente construídas para desfiar a fibra de milhões de casulos do bicho da seda

dos sericultores. Na safra de 1943-1944 a produção atingia a quase dezesseis milhões de quilos de casulos, avaliados, no mercado norte-americano, em seis milhões de dólares, aproximadamente. Segundo estimativa de um técnico, a indústria brasileira produziu mercadorias avaliadas em mais de 25 milhões de dólares.

Um dos meios pelos quais o governo mantém o controle da indústria é o monopólio da distribuição de ovos exercido pelo Instituto de Campinas. A um tempo, os ovos eram distribuídos gratuitamente, mas agora é cobrada uma taxa de 5 centavos a grama, afim de evitar desperdício. O instituto também distribui grátis estacas de amoreira e os desinfetantes para prevenir contra doenças que possam atacar as larvas. Nesta temporada, o instituto está distribuindo quatro milhões de gramas de ovos. E por serem os ovos do tamanho de uma cabeça de alfinete, seu número monta a cifras astronômicas.

O instituto produz ovos de ambas as origens — pura e de cruzamento, aos milhares, todos os anos, afim de conseguir novas raças de características cada vez melhores. Os cruzamentos experimentais já produziram um casulo dourado denominado *Ouro Brasil*, considerado por muitos especialistas como superior aos reprodutores, um da China, outro da Itália. Outros tipos de casulos são brancos ou verdes, mas a cor natural de todos os fios é removida antes de ser a fibra tingida para uso comercial. Em intervalos regulares durante a safra, o instituto recebe milhões de casulos dos criadores organizados em cooperativas, interessados em fazer sericicultura sob condições que garantam a produção de tipos puros. O sericultor vende os casulos a um intermediário que, por sua vez, os vende às fiações. Aí, os casulos são submetidos a um tratamento pelo calor, para extinguir a crisálida e, depois, fervidos para largarem a fibra, afim de facilitar a sua fiação em máquinas especiais, de modelos estrangeiros mas construídas no Brasil.

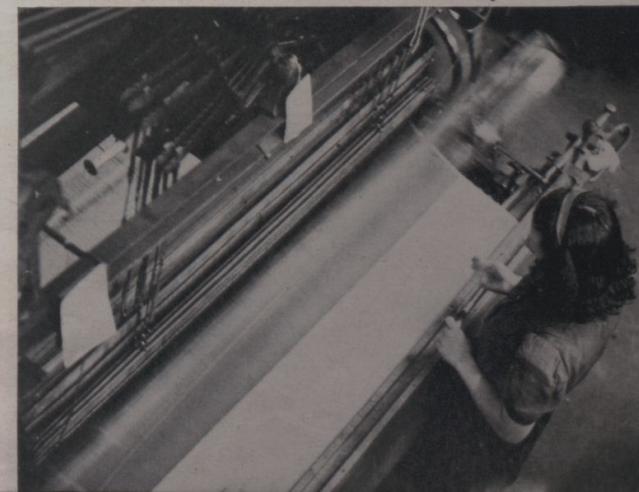


A indústria brasileira está meticolosamente organizada, fazendo-se cuidadoso exame, seleção e classificação dos casulos para assegurar a sua melhor qualidade

O Instituto de Campinas está autorizado a manter os padrões de qualidade do produto, e a lei determina especificamente os tipos usados em Nova York, Milão, Lion, Yokohama, Zurich e outros centros séricos. Os preços da seda brasileira são estabelecidos pela respectiva bolsa de S. Paulo. O produto manufaturado está sendo exportado para os Estados Unidos, Argentina, Venezuela, Colômbia e vários outros países americanos. O fio de seda também é exportado. Outro produto de grande aceitação são meias, que têm servido como melhor meio de propaganda entre o numeroso elemento feminino.

O crescimento da nova indústria não tem se operado sem dificuldades. A alta dos preços, por exemplo, tem animado os sericultores a aumentar a produção de casulos, mas, ao mesmo tempo, tem aumentado o custo do produto manufaturado. Algumas fábricas brasileiras estão fazendo tecidos contendo cerca de 20 por cento de seda e 80 por cento de rayon, de maneira a tornar mais atrativo o preço no mercado. O futuro da seda brasileira, depois da guerra, com a renovada competição que se fará sentir de outras origens, e com o desenvolvimento das fibras sintéticas, ainda é, naturalmente, incerto. Mas seja qual for o resultado, os brasileiros podem contar com a sua nova indústria como um importante fator na industrialização do país e no valioso estímulo que veio dar ao comércio interamericano.

O tecido de seda, produto de modernas máquinas fabricadas exclusivamente no Brasil. De 1941 a 1944 a sericicultura brasileira desenvolveu-se vertiginosamente



Meadas de fios de seda crua, desfiados dos casulos. Desde a eclosão dos ovos até a colheita dos casulos pode obter-se no Brasil até quatro criações por ano



Vítimas das atrocidades nazistas. O regime da fome e do espancamento sistemático ceifou milhares de vida em Belsen, Alemanha, libertada pelos ingleses

OS CRIMES DO NAZISMO NA GUERRA

REVELAM-SE AS ATROCIDADES COMETIDAS NOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

Tropas americanas encontraram 2.700 cadáveres de escravos sacrificados pelos nazistas em Nordhausen. Civis alemães foram obrigados a sepultá-los



O CÚMULO da degeneração a que o regime de Adolf Hitler arrastou o povo alemão não podia ficar mais claramente demonstrado do que com a descoberta dos revoltantes crimes cometidos nos campos de concentração de prisioneiros mantidos pelos nazistas em numerosas localidades na Alemanha.

À medida que os exércitos aliados foram esfacelando os últimos baluartes da resistência militar na Alemanha, o mundo pôde contemplar, pasmado e horrorizado, os crimes contra a civilização perpetrados por homens e mulheres que de humano só têm a forma. Um a um foram os campos libertados devassando condições tão evidentes de deliberada crueldade que chegam a desafiar uma descrição exata do inferno que representam. Afim de que o mundo se pudesse capacitar dessas condições, em todo

Algumas das maiores atrocidades praticadas nos campos de concentração foram atribuídas às mulheres alemãs, como estas guardas do campo de Belsen



O General Eisenhower (de mãos no bolso) certifica-se pessoalmente das provas dos crimes de guerra nazistas. Aqui o vemos num campo situado em Gotsch

o vigor diabólico e macabro de sua significação, o General Dwight D. Eisenhower convidou um grupo de congressistas dos Estados Unidos para constatarem pessoalmente, na Alemanha, "as condições de indescritível horror existentes nos campos nazistas de concentração de prisioneiros, encontradas pelos exércitos aliados."

Membros da comissão das Nações Unidas para investigar os crimes de guerra e 17 jornalistas norte-americanos também inspecionaram os campos de concentração, a convite do General Eisenhower. O primeiro campo a ser visitado foi o de Buchenwald. De acordo com as cifras corroboradas pela comissão das Nações Unidas, 51.572 pessoas morreram ou foram mortas neste centro de barbarismo, no período de julho de 1937 a abril de 1945. Quando as tropas aliadas libertaram o campo, os oficiais encontraram uns 20.000 internados, muitos dos quais em estado tão deplorável de extrema inanição que os representantes da Cruz Vermelha declaram haver pouca esperança de salvá-los.

Anexos ao campo de Buchenwald foram encontrados bem instalados laboratórios nos quais desalmados cientistas alemães infeccionavam os prisioneiros com vírus de doenças e os vivissecavam como se fossem cobaias, para estudo de fenômenos fisiológicos. A casa da morte, que lhe ficava próxima, tinha entrada por um terreno onde havia cadafalsos para enterrar doze vítimas de cada vez. No porão da casa da morte estava instalada a câmara de tortura e o crematório, dotado de seis fornalhas a carvão, com capacidade para três corpos cada uma. Os mortos ou moribundos, muitos dos quais tinham horríveis marcas causadas pelos brutais espancamentos, jaziam abandonados no chão.

Condições similares, reveladoras do sadismo nazista, existiam noutros imundos campos de concentração, onde, antes, robustos soldados americanos, ingleses e franceses e de outras nacionalidades, feitos prisioneiros, curtiram fome e inauditos sofrimentos, sendo encontrados em extremo estado de depauperamento físico, verdadeiros esqueletos. Os prisioneiros que foram libertados, muitos dos quais nunca mais recuperarão a saúde, relataram detalhes repugnantes sobre a maneira como foram seus companheiros forçados a trabalhar até caírem mortos, sob um regime de fome e humilhação imposto pelos nazistas.

Quando os congressistas voltaram do campo de Buchenwald para o quartel-general do General Eisenhower, o comandante supremo das forças aliadas acentuou: "Viram apenas um dos campos. Há muitos outros. Nada ficou encoberto. Não precisamos ocultar coisa alguma. O bárbaro tratamento infligido pelos alemães nos campos de concentração é quase inaudível. Quero que vejam pessoalmente e falem em nome dos Estados Unidos."

Dentre os congressistas, a Sra. Clare Boothe Luce, ao relatar, pelo rádio, da Europa, as suas impressões, afirmou: "Dia virá em que muitos alemães e talvez muita gente dos próprios países aliados dirão que estas atrocidades cometidas pelos alemães foram exageradas ou eram simplesmente uma campanha de desmoralização. Eu sou uma das pessoas que poderão afirmar que viram essas atrocidades com os seus próprios olhos."

Uma constatação oficial também foi feita das idênticas condições existentes noutros campos, como o de Dachau, o maior e mais notório; o de Belsen, o de Auschwitz, Orbke e muitos outros. O Sub-Secretário de Estado dos Estados Unidos Joseph C. Crew condenou veementemente os crimes de guerra alemães, declarando: "Estou realmente assombrado com as atrocidades nazistas; são tão revoltantes que pasmaram o mundo."

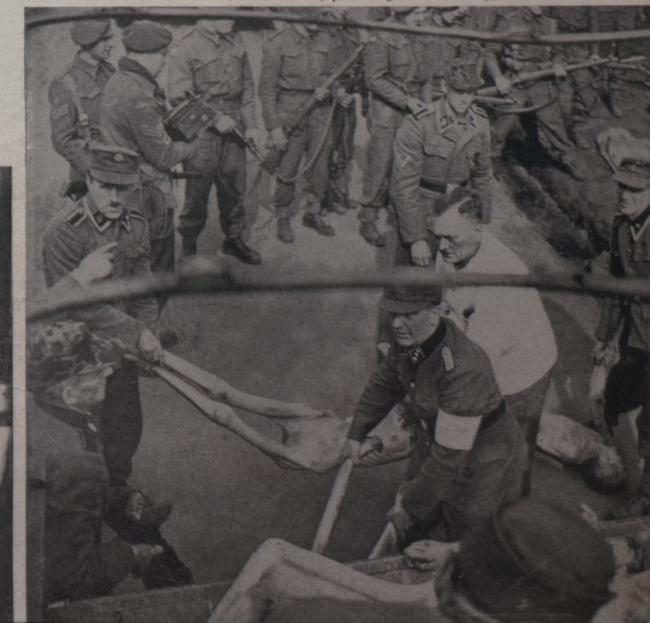
Soldados ingleses libertados em Gettlingen pelas tropas norte-americanas. Há quatro anos que, prisioneiros dos nazistas, estavam sob o regime da fome



Os oficiais americanos obrigaram os civis residentes de Weimar, perto do famoso campo de concentração de Buchenwald, a constatar a prova dos crimes



Os piores fanáticos nazistas, soldados das tropas de assalto, sendo obrigados a fazer o enterroamento de suas vítimas, pelos ingleses, no campo de Belsen



O CORREIO NÃO FALHA



Das cidades dos Estados Unidos, Nova York é a que tem maior número de carteiros. Na gravura vemos alguns dos milhares de carteiros saindo do colossal edifício dos correios para fazer a entrega da correspondência

A IMPORTÂNCIA DO SERVIÇO POSTAL RURAL NOS ESTADOS UNIDOS

HÁ 29 anos que o carteiro George Brown, dos Correios dos Estados Unidos, percorre todos os dias a sua zona, no interior do Estado de Virginia, dirigindo-se por uma estrada que vai ter às montanhas de Blue Ridge. Como milhares de seus colegas, do serviço postal rural, o carteiro Brown não mede esforços para fazer a entrega de cartas ou encomendas aos seus destinatários. Na primavera, quando começa a derreter a neve, é frequente ficar o seu velho automóvel Ford atolado na lama, forçando o carteiro a abrir caminho com suas próprias forças. E quando a estrada está de todo impraticável para o tráfego, o diligente carteiro segue a pé, de fazenda em fazenda, de sítio em sítio, fazendo a entrega da preciosa correspondência. Para ele é uma questão de honra percorrer a sua circunscrição, a despeito de todos as dificuldades, porque o serviço postal não pode falhar para aqueles que aguardam notícias de parentes e amigos. Esta proverbial lealdade no cumprimento do dever é característica dos esforçados auxiliares

Há 30 anos o serviço postal ampliou suas atividades, encarregando-se da entrega de encomendas. Aqui se vê um aspecto da divisão de "collis postaux" dos Correios de Chicago, mostrando as proporções do movimento



Um dos princípios básicos do serviço postal é a sua inviolabilidade. Estas caixas de correio rurais, grátis e acessíveis a todos, raramente são violadas



George Brown, carteiro há 28 anos, percorre todo dia as áreas mais isoladas, na missão de levar a correspondência aos moradores da sua circunscrição

que fizeram do serviço postal norte-americano o excelente sistema que hoje tanto se recomenda. Garantir a eficiência do correio foi sempre um propósito primacial nos Estados Unidos. Há um século, o serviço exigia a capacidade de homens decididos e de cavalos resistentes para vencer as distâncias em regiões inhabitadas entre as pequenas povoações espalhadas pelo vasto interior. O cinema costuma dramatizar os ousados feitos dos cocheiros das diligências postais nos Estados do oeste, há seis décadas passadas. As histórias dos assaltos aos primeiros vagões postais ferroviários já são parte das lendas da história pátria.

Os primeiros meios de comunicação estabelecidos nas plagas norte-americanas tiveram início 35 anos depois de haverem os colonos construído suas residências na nova terra. Segundo o plano então adotado, toda a correspondência precedente de ultramar era entregue a um residente de Boston, o qual, mediante a taxa de um centavo por carta, fazia a distribuição pelos destinatários, da mesma maneira que se faz atualmente: de casa em casa, com um grande saco de couro às costas.

Pouco depois foi criado um serviço postal, a cavalo, que fazia o percurso, uma vez por mês, entre Boston e Nova York. O primeiro diretor dos Correios foi o famoso Benjamin Franklin, um dos signatários da Declaração de Independência e, mais tarde, embaixador dos Estados Unidos na França. Apesar das más condições

das estradas e da distância entre os povoados, ele manteve o serviço com tanta eficiência que seus métodos básicos ainda continuam em vigor. Um dos princípios fundamentais que Benjamin Franklin procurou acentuar no espírito de seus concidadãos foi o da inviolabilidade da correspondência, afirmando que o correio, como um serviço público, tem por condição essencial inspirar e merecer confiança. Nenhum crime contra a sociedade provocava maior censura que o da violação da correspondência postal. Mesmo agora, em tempo de guerra, conquanto haja a censura postal da correspondência que se destina ao exterior e que vem do exterior, como medida de segurança pública, dentro do país permanece a inviolabilidade para todos os efeitos.

Serviço modelar

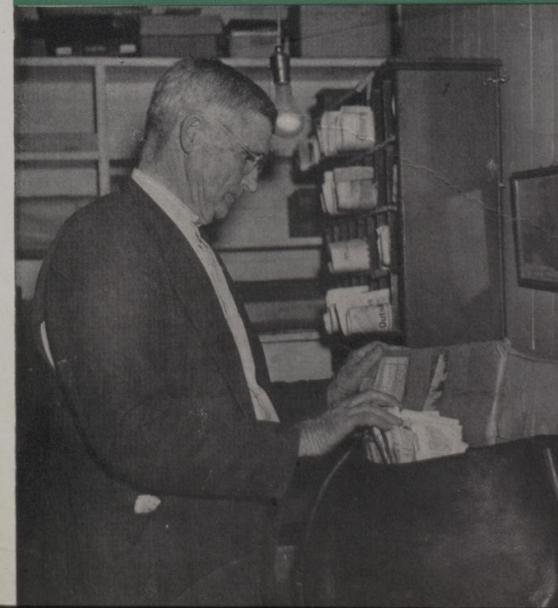
O serviço do Departamento dos Correios dos Estados Unidos, pela sua barateza e eficiência, é um reflexo da economia e operosidade que tanto distinguem a personalidade de Benjamin Franklin. Nos primeiros tempos do correio a cavalo, quando o peso máximo da mala postal era de dez quilos, tornava-se necessário usar 75 cavalos, a todo galope, no percurso entre a costa do Atlântico e a do Pacífico. Era um sistema de baldeação em que os animais faziam a vasta ligação continental, num período de dez dias e meio. Cada carta era cuidadosamente coberta com papel oleado, e o custo do porte era de cinco

dólares por quinze gramas. Hoje uma carta é enviada através do continente por três centavos; ou de Chicago a Montevideu pelo mesmo custo.

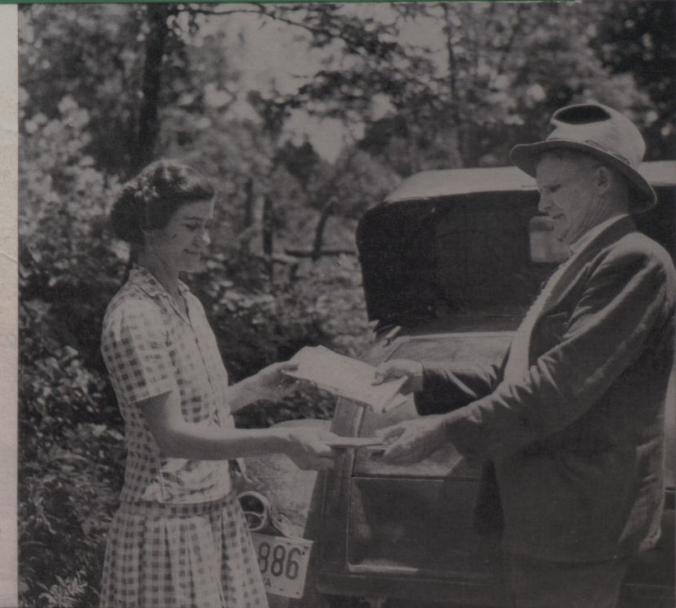
O serviço postal norte-americano atualmente emprega quase todos os meios de transporte existentes, desde o cavalo e o trenó tirado por cães até o aeroplano. A sede do correio geral é em Washington, havendo mais de 45.000 repartições, agências e sucursais espalhadas pela nação inteira. As dimensões das repartições e sucursais variam, desde a repartição de Nova York, instalada em colossais edifícios ocupando uma vasta quarteirão, até a pequena agência do interior, funcionando num canto do armazém onde há de tudo: ferragens, louças, comestíveis e roupas.

O serviço é feito rapidamente de uma cidade para outra, por via-férrea e aérea. Das grandes cidades, as cartas e encomendas seguem também em caminhões para as cidades menores, e, finalmente, das mãos de carteiros, como George Brown, para os destinatários nos recônditos mais distantes da zona rural. O movimento da correspondência está tão bem organizado que, uma carta posta numa caixa do correio em Nova York, num domingo à noite, para seguir por via aérea, estará na terça-feira de manhã nas mãos do destinatário, nas montanhas do Estado de Arkansas, a milhares de quilômetros de distância. O sistema de distribuição na zona rural, feita por mais de 33.000 carteiros, nada deixa a desejar, sejam quais forem as dificuldades locais, freqüentemente agravadas pelas intempéries.

O carteiro George Brown enche o saco no pequeno Correio de Culpepper, Estado de Virginia. Conhece todos os destinatários que vivem na vilão e arredores



O carteiro rural entrega e recebe correspondência ao mesmo tempo. Aqui, está entregando uma carta à destinatária e recebendo outra para pôr no correio



O Declínio do Poderio

O General D. MacArthur e o Almirante C. W. Nimitz indicados para dirigirem, respectivamente, as operações de terra e mar na campanha final contra o Japão



Numa das ilhas Ryukyus: um fuzileiro norte-americano avança cautelosamente, depois de haver lançado várias granadas de mão contra um abrigo do inimigo



Japonês

A SITUAÇÃO militar japonesa, agora na fase de causa irremediavelmente perdida, está dando aos seus líderes, passados e presentes, sobejas razões para ponderarem sobre a significação de certos contrastes inescapáveis. São amargos frutos dos esforços brutais da sua expansão imperialística. Podem, por exemplo, comparar a sua arrogante atitude para com a então desfalcada esquadra dos Estados Unidos, nos primeiros dias das hostilidades, com o pânico que agora os aterroriza, diante do espetáculo de completa ruína que vái sofrendo a esquadra japonesa, coagida a travar combate com as forças navais americanas, agora as mais poderosas do mundo.

A aviação japonesa, que antes dominara, quase sem oposição, os ares sobre Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, está atualmente em sua crise final, incapaz de fazer frente ao poder aéreo dos Estados Unidos, também o maior do mundo.

Mas, em suas reflexões, os militaristas japoneses podem ir mais além, rebuscando um passado muito anterior a Pearl Harbor, para obter o mais significativo dos contrastes — a grande diferença das missões dos navios da esquadra americana, então e agora, na ilha de Okinawa.

Foi um dia, em 1853, quando aportou à maior ilha do grupo das Ryukyus, que se estende ao norte da ilha Formosa até as ilhas do Japão próprio, um navio da esquadra dos Estados Unidos. De bordo desembarcou o Comodoro Matthew Perry, que ia numa missão de paz e civilização. O oficial da Marinha americana e representante de sua pátria, não podia então imaginar que, dentro de um século, outros navios da esquadra dos Estados Unidos aportariam a Okinawa, noutra missão — para subjugar um inimigo treloucado pela mania de conquista.

Então e agora

Em 1853, os soberanos das ilhas japonesas aceitaram o convite do Comodoro Perry para comerciar com o resto do mundo. A terra do Sol Nascente em breve prosperou no seu intercâmbio com outras nações, chegando a alcançar a posição de nação industrial. Com o decorrer do tempo, os japoneses aprenderam muitas coisas do Ocidente e ficaram na ignorância de outras tantas. E antes do encerrar do século, conforme já é do domínio da história, iriam eles usar suas novas armas para um ataque simultâneo contra os seus próprios beneficentes — a China, de um lado, e o mundo ocidental de outro.

Eis porque uma segunda missão naval chegou agora a Okinawa, nos portais do Japão. Desta vez, porém, eram muitos vasos de guerra apoiando uma expedição anfíbia. Os navios que conduziam as tropas do Exército aproximaram-se, e de bordo do capitânea, desembarcou o seu comandante, Tenente-General Simon Bolivar Buckner Jr., não como fizera o Comodoro Perry, num gesto de amizade, mas como autoridade para infligir um castigo de indelévels consequências.

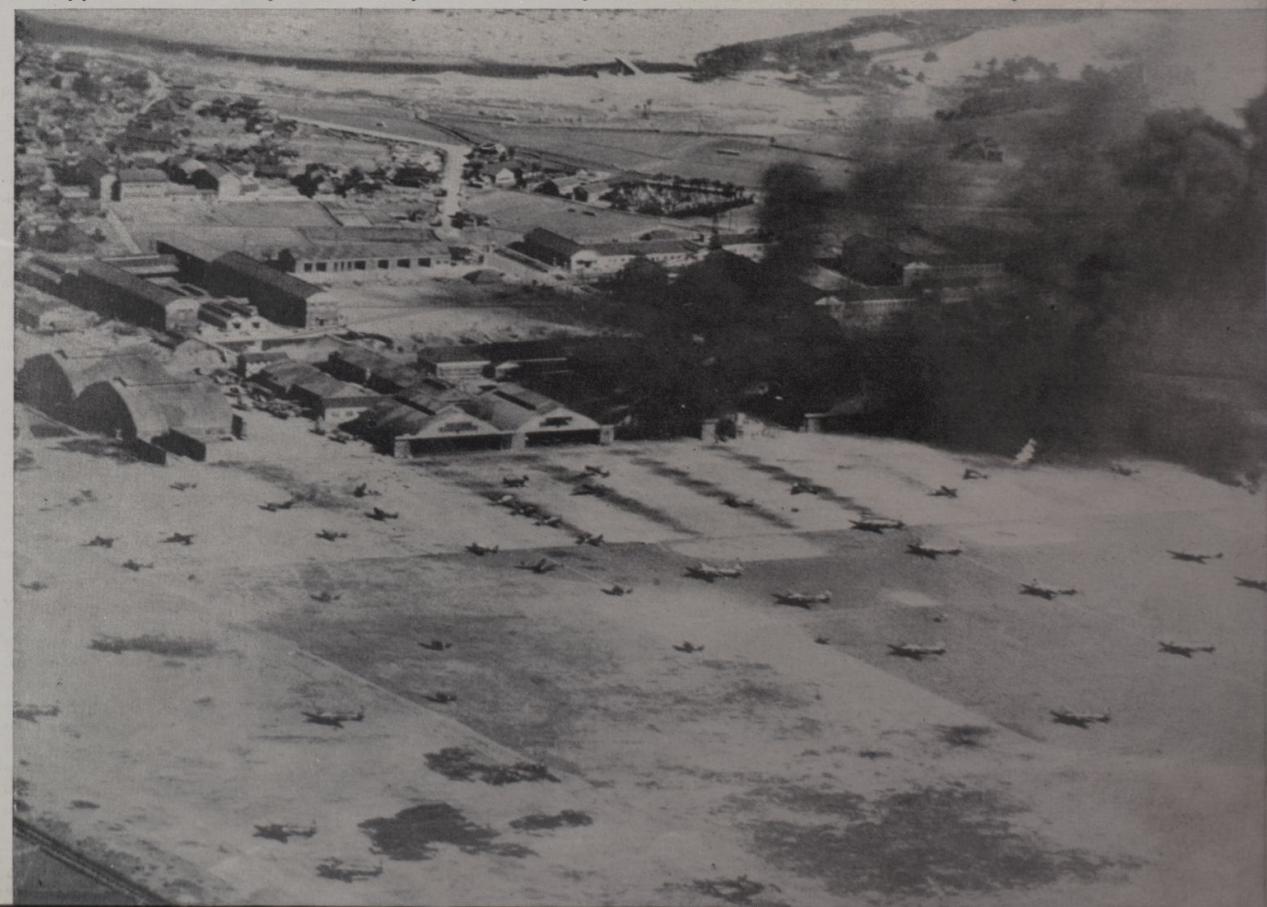
A campanha de Okinawa, parte da série de batalhas ao longo da ofensiva cujo objetivo é a capital japonesa, não podia reservar para o insólito inimigo senão a certeza de que os seus dias de conquistas estão inexoravelmente contados. No sangrento episódio de Iwo Jima, os combatentes norte-americanos puderam verificar o desespero com que os japoneses combatem quando se vêm encurralados nos seus próprios domínios nacionais. Era, pois, de esperar que em Okinawa se reproduzisse os mesmos encarniçados recontros.

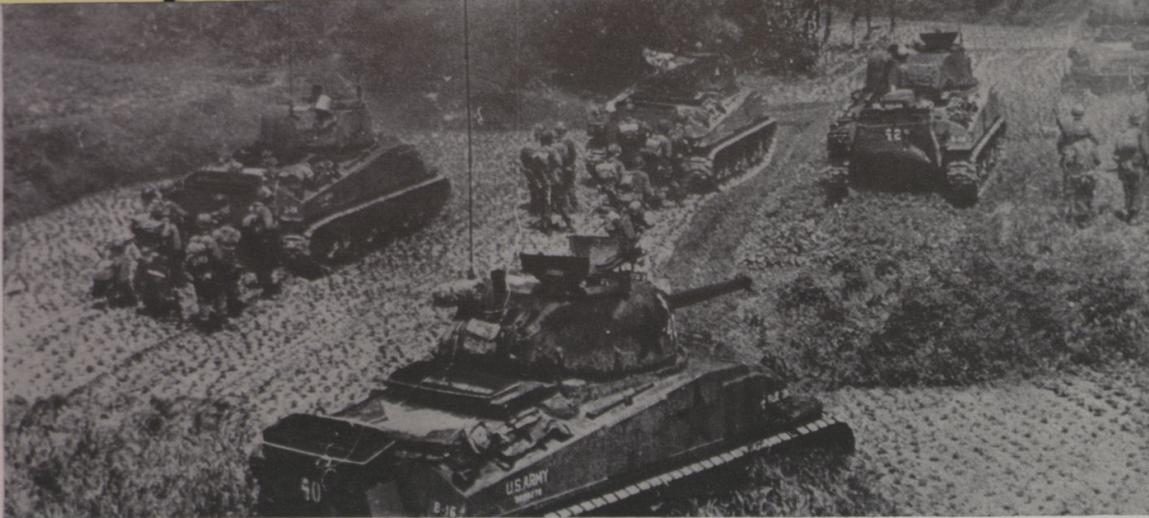
O inimigo, porém, iria lançar mão de uma tática de efeito psicológico, sacrificando a sua própria gente. Okinawa, de 90 quilômetros de extensão e 30 de largura, aponta como um dedo indicador para o coração do império do Japão, a apenas duas horas de vôo. O general Buckner esperava sofrer avôltadas perdas no assalto. Mas foi surpreendido por dois fatos curiosos: a ausência de oposição do inimigo, nos primeiros dias do desembarque, e o trágico suicídio em massa de pacíficos habitantes da ilha, pequenos agricultores. Durante os desembarques preliminares nas ilhas Kerama, que ficam a oeste de Okinawa, os soldados americanos ouviram gritos pungentes e explosões que se reproduziam, intermitentemente, a noite inteira. Ao amanhecer, uma das patrulhas deparou com uma cena de horror: mais de 150 criaturas apavoradas, homens, mulheres



Surpreendidos em seu ancoradouro, vários navios japoneses são atacados pela aviação naval americana. O navio hospital, branco, ficou incólume

Aviões japoneses destruídos num grande aeródromo perto de Kure. A aviação naval americana também destruiu numerosas instalações militares locais





A infantaria americana avançando na retaguarda dos tanques através dos campos da ilha de Okinwa, depois do tremendo ataque da artilharia naval



Doas pequeninas vítimas da brutalidade japonesa em Manila, ao serem socorridas pelos americanos

e crianças, haviam posto termo à vida, matando-se uma as outras, com explosões de granadas de mão e com cordas, enforcando-se. Via-se ainda um menino andando à esmo, com um profundo ferimento na cabeça, infligido por seu próprio pai. Verificou-se depois, que os comandantes japoneses tinham insuflado na mente daquela pobre gente ignorante, o horror de que os "homens das Nações Unidas viriam numa missão para fazer completa pilhagem e torturar os habitantes da ilha."

Mas logo que os médicos e enfermeiros começaram a cuidar dos feridos, a situação mudou completamente, com o afastamento da idéia de suicídio. Desapareceu o pavor, e um velho, que havia morto a filha, chorou de remorso, quando se certificou da verdade. Na ilha principal houve idênticas demonstrações de fanatismo e desespero, conquanto menos violentas. Os habitantes, em geral, de metro e meio de altura, apresentavam um aspecto desolador: mal nutridos, cada- véricos. Relataram que tinham sido informados de que a sua já mísera existência iria ser transformada em insuportável inferno pelos soldados aliados. Não foi sem custo que ficaram dissuadidos de recorrer a extremos que, em absoluto, não se justificavam.

Voltou então a calma e a confiança para aquela gente enganada e explorada pelos militares japoneses, numa demonstração a mais de sua completa indiferença quando se trata de lançar mãos dos mais baixos recursos para acobertar a sua covardia. O que ocorreu em Okinawa ficou na

mente dos americanos, prevenindo-os contra as surpresas da propaganda do inimigo que não respeita nem a sua própria gente. Os japoneses, ao verificarem a aproximação da poderosa frota americana, depois de haverem sofrido derrotas contínuas, durante os recentes encontros anteriores, viram-se tomados de verdadeiro pânico. A esquadra americana que se acercava de Okinawa contrastava eloqüentemente com a pacífica visita do Comodoro Perry. De fato, o conjunto naval de agora era o maior jamais verificado. Constava de 1.400 unidades, conduzindo 100.000 homens. Ao norte, havia ainda mais navios, uma esquadra ansiosa de fazer contato com o inimigo, o que não tardou muito.

As unidades japonesas, saindo do seu esconderijo, foram descobertas pelos aviões da esquadra americana perto do extremo meridional da ilha de Kyushu. O alarma foi recebido pelos porta-aviões e, dentro de quatro horas, estava terminada a batalha. A aviação americana pôs a pique o grande couraçado *Yamato*, de 45.000 toneladas, orgulho da marinha japonesa e danificou ou destruiu a maior parte da força que o acompanhava, constante de cruzadores, destróieres e 245 aviões.

O afundamento do *Yamato* reduziu a três ou quatro o número das grandes unidades de batalha da esquadra japonesa. É digno de nota o fato de ter o couraçado posto à pique o nome lendário da própria raça niponesa. Como prenúncio do que está reservado ao império do Sol Nascente, este é, sem dúvida, o mais expressivo.

O cemitério das forças da Infantaria de Marinha americana em Iwo Jima, expressivo do tributo que as mesmas pagaram pela conquista da ilha



A resistência dos japoneses em Iwo Jima foi tão tenaz que muitos tiveram que ser "pulverizados" a dinamite. Na gravura vê-se uma das explosões



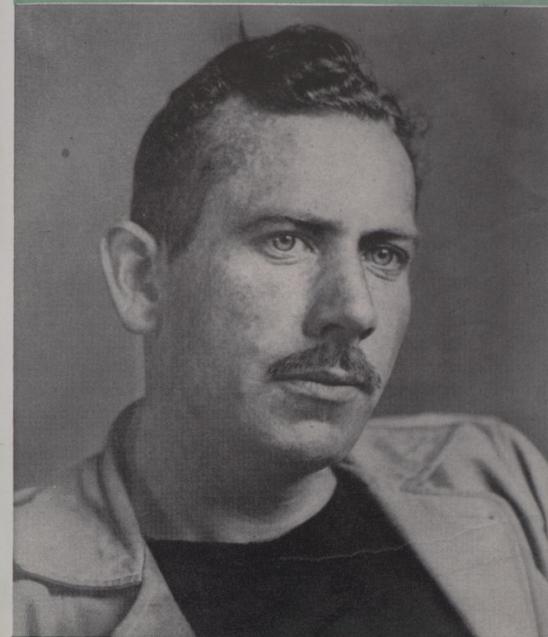
O DESCOBRIDOR DO PACÍFICO

VASCO NUNEZ de Balboa morreu há quatrocentos anos, mas vive, em espírito, na Cidade do Panamá. Todos quantos passam pelo Hospital de Santo Tomas vêm-no no topo da colina de onde primeiro contemplou a vastidão do Pacífico. O expressivo bronze do famoso Monumento de Balboa restaurou simbolicamente à vida o explorador, conservando-o na memória das gerações presentes e futuras. O monumento é um dos mais imponentes de quantos se erguem em terras da América. Defronta o Pacífico, elevando-se à vista de ambas as Cidades do Panamá, a antiga e a moderna. A estátua de Balboa, altivo, encima um globo terrestre em mármore, apoiado aos ombros de quatro figuras alegóricas repre-

sentando os principais elementos raciais do mundo. O explorador empunha na mão direita uma espada desembainhada, de copo em forma de cruz, e na esquerda, a bandeira de Leão e Castela. Balboa chegou ao então istmo de Darien em princípios do século dezessis, em busca de riquezas e aventuras. Partindo da costa oriental, acompanhado de numeroso grupo de índios e espanhóis, penetrou a densa selva, indo sair nas margens do Pacífico, depois de não poucos sofrimentos e contrariedades. O explorador não encontrou riquezas, mas não lhe faltaram aventuras nem terras bravias no acidentado percurso. Alcançou também a fama que tornou imorredouro o seu nome nos anais do descobrimento da América.

JOHN STEINBECK

O ESCRITOR QUE VIVE ENTRE OS HUMILDES PARA OFERECER AO PAÍS ASPECTOS DE SUA VIDA



John Steinbeck — um dos escritores norte-americanos de maior sucesso, cujas obras retratam a vida entre os pobres

POUCOS escritores norte-americanos conhecem mais intimamente seus compatriotas do que John Steinbeck. Contudo, todos se vêem mais a si mesmos e a suas terras nos livros do inspirado escritor do que a própria pessoa de Steinbeck. Através de suas páginas magistrais, todos sentem as suas fraquezas individuais e, ao mesmo tempo, a sua própria força; a sua ganância e a sua generosidade; as terras condenadas à improdutividade pelo desleixo humano, e os seus magníficos vales, abundantes de riqueza; enfim, observam e compreendem a cegueira social e alimentam a constante visão de uma vida melhor e mais farta.

O homem que transforma tudo isto em realismo para seus leitores tem convivido em todas as camadas sociais — às vezes como simples estudante, absorvido entre os livros; outras, trabalhando como um operário qualquer. Autor que conhece o seu povo e descreve o que sabe de ciência própria, Steinbeck já chegou a irritar tanto seus vizinhos que estes tentaram excluir seus livros da biblioteca pública. Mas agora, que a borrasca já passou, os críticos são acordes em que poucos escritores têm conseguido despertar a consciência pública como John Steinbeck.

Dotado de raras qualidades de compreensão dos seus semelhantes de humildes origens, em toda parte, Steinbeck radicou-se, entretanto, na região do vale de Salinas, na Califórnia, onde alguns de seus habitantes preferem denominá-lo vale de Steinbeck. A região estende-se da embocadura do rio Salinas, a uns 170 quilômetros ao sul de San Francisco, seguindo paralelamente à costa do Pacífico. O vale é um dos mais férteis dos Estados Unidos, batido de sol, com fontes termais e encantadores cursos d'água.

Ao norte encontra-se a vila de Salinas, de 11.000 habitantes, com sua indústria madeireira e fábricas de produtos enlatados que refletem a riqueza agrícola ambiente. Para essa região veio, em 1872, John Ernst Steinbeck, pai. Jovem ainda, aí constituiu família, casando-se com uma professora local e passando a trabalhar como tesoureiro do município de Monterey. Os Steinbeck tiveram duas filhas e um filho, John, nascido em 1902. O pai, conquanto não fosse senhor de fortuna, proporcionava todo conforto à família, de sorte que John criou-se como qualquer outro rapaz do campo, robusto e bem disposto. Sua mãe o animava na leitura literária e na apreciação da música. Hoje, ele costuma escrever ao som do fonógrafo, ouvindo Dvorak, Bach, Brahms e Beethoven. Quando menino, brincava com os

filhos de famílias portuguesas e italianas que habitavam o planalto entre Salinas e Monterey. Costumava percorrer os vastos arredores pontilhados de fazendas e plantações, e visitar a cidade de Monterey, de belas tradições históricas. Tornou-se excelente cavaleiro, e, ao tempo em que frequentava a escola secundária, passava as férias trabalhando em ranchos. Convivia com a gente simples do campo, observava-lhes a vida em seus detalhes, os quais, conservados na memória, iam-lhe servir, mais tarde, de material para o seu livro *Of Mice and Men*.

Mas, conforme acontece freqüentemente no caso de jovens escritores, Steinbeck pôs de lado tão ricas e interessantes memórias ao escrever o seu primeiro romance *Cup of Gold*, baseado na vida de Sir Henry Morgan, o bocanegra. Conseguiu vender um milheiro e meio apenas. A seguir, publicou *The Pastures of Heaven* e *To a God Unknown*, os quais, apesar de seu pouco sucesso, foram importantes marcos na jornada literária de Steinbeck. Ambos refletiam a vida no vale em que ele se criara. Já então, Steinbeck revelava também raro talento na observação e análise da vida ambiente, acentuando o seu amor pela terra e encarando os dois grandes inimigos daqueles que a trabalham: as secas e as condições sociais.

Estes livros foram escritos quando Steinbeck, descontente com a vida universitária na qual já havia dispendido dois anos, encontrava-se a esmo, em Nova York, sem recursos, chegando mesmo a ter uma vertigem na rua, por falta de nutrição. Seguiu então para a Califórnia, trabalhando rumo a um navio cargueiro. Lá passou o inverno, na serra, como encarregado duma casa de campo.

Mordente confronto

Apesar de já ter três livros de sua autoria, Steinbeck continuava pobre. E suas novelas esparsas pouco lhe rendiam. Seus conterrâneos na Califórnia, chocados com a franqueza de suas revelações sobre a vida dos trabalhadores do campo e dos ranchos, exigiram que seus livros fossem banidos da biblioteca pública. Foi então que ele escreveu *Tortilla Flat*, vibrante e comovente estudo sobre os humildes do seu torrão natal. Steinbeck conhecia-os desde a sua infância e não poupou detalhes no empolgante cenário que apresentou em cores vivas — no marcante contraste de uma gente extremamente pobre, mas capaz de sentir-se feliz, graças ao seu elevado senso dos verdadeiros valores. O livro alcançou imediato sucesso. Entre *Tortilla Flat* e *Grapes of Wrath*, Steinbeck deu à estampa seis outros trabalhos, dos quais *Of Mice and Men*, foi o de maior êxito. *Grapes of Wrath*, reconhecida como a sua obra mais possante, permaneceu em longa fermentação.

Na região da "Zona da Poeira", em Oklahoma, teve ele ocasião de ver o flagelo que ia arrebataando aos agricultores suas terras e haveres. Viveu e trabalhou com eles, tornou-se, como eles, um flagelado, emigrando para o oeste, ao longo da via de salvação, rumo à Califórnia, tal como acontece com a família Joad, em *Grapes of Wrath*. Seguiu com eles, de campo em campo, trabalhando, por mísera remuneração, para os ricos senhores de terra. Voltou depois para o seu rancho em Los Gatos, na Califórnia, e escreveu a sua obra *Grapes of Wrath* abalou a consciência social da nação, tanto quanto havia abalado antes, no período anterior à guerra civil, o famoso libelo contra a escravatura — *A Cabana do Pai Tomaz*, de Harriet Beecher Stowe. Algumas das obras de Steinbeck têm sido adaptadas ao palco e ao cinema. Desde o livro *Grapes of Wrath* que seus trabalhos literários continuam a refletir um grande interesse nas lamentáveis condições sociais que cercam as consideradas *massas insignificantes* da humanidade. *The Moon is Down* é uma revelação da vida sob a dominação nazista numa pequena cidade de Noruega. E suas reportagens, em 1944, sobre a luta ao longo do litoral do Mar Mediterrâneo, na África, acentua a verdadeira significação da guerra para o geral dos combatentes das Nações Unidas.



Grupo de alguns dos 23 membros da Comissão de Relações Exteriores do Senado dos Estados Unidos, uma das maiores comissões da Câmara Alta. Da esquerda para a direita: D. Thomas, Murray e Tunnell. Os outros membros da comissão, que não estão nesta [de pé]: Senadores Hill, Vandenberg, Wiley, La Follette, Hatch, Copper, White, Bridges e Austin. Sentados: Green, Hiram W. Johnson, Tom Connally (presidente), Walter F. George.

Conselheiros em Relações Exteriores

A POUCOS passos do recinto do Senado, no edifício do Capitólio, em Washington, há uma sala ao longo do corredor, em cuja porta se lê: "Comissão de Relações Exteriores do Senado". É uma sala ampla, de aspecto solene, vendo-se à parede fronteira à porta de entrada um grande espelho. Ao centro, um elaborado candelabro de cristal pende do teto, sobre uma longa mesa de mógo. Conquanto o estilo e mobiliário desta sala estivessem em voga há cinco décadas passadas, os legisladores que agora aí se reúnem, como membros de uma das comissões permanentes do Senado dos Estados Unidos, mantêm-se ao par dos mais recentes acontecimentos ocorridos no mundo inteiro e sentem-se extremamente cômicos de suas responsabilidades, na parte que lhes cabe contribuir para orientar a política exterior de sua pátria nos elevados desígnios de uma paz mundial firme e duradoura.

O Senado tem 33 comissões permanentes, uma para cada departamento da administração pública e outras encarregadas de assuntos que, pela sua natureza, também se impõem ao estudo especial dos legisladores, como as patentes de invenção; rios, portos e canais; apropriações, etc.

As comissões do Congresso originaram-se da necessidade de dividir o trabalho com o fim de proporcionar aos legisladores o maior conhecimento possível da matéria a ser submetida à discussão e votação. Logo nos primeiros tempos dos trabalhos parlamentares

ficou reconhecida a impossibilidade de apreciar e discutir cada detalhe de um projeto de lei no plenário, durante as sessões da Câmara dos Representantes ou do Senado. Não havia tempo suficiente para os legisladores se familiarizarem com os pormenores de cada matéria submetida à sua apreciação no curso da respectiva legislação. Por isto, as duas casas do Congresso adotaram o sistema de comissões tal como existem atualmente.

Antes de se proceder à votação de qualquer projeto, é o mesmo submetido ao estudo da comissão competente. O número dos membros que compõem as comissões varia, mas, por suas qualificações individuais ou por seus longos serviços prestados à comissões, acham-se eles em condições de proceder avisadamente na sua respectiva esfera de ação, conforme forem as exigências do assunto. Assim, após o exame feito pela comissão, esta submete o seu parecer, fazendo as recomendações necessárias.

Em face do grave momento internacional que atravessamos, não há parecer de comissão legislativa que desperte maior consideração do que o da Comissão de Relações Exteriores do Senado. É uma das maiores comissões, composta de 23 membros, cujo mister é esclarecer os 96 legisladores que constituem a Câmara Alta, ajudando-os no desempenho das funções de grande responsabilidade que lhe foram conferidas pelos autores da Constituição dos Estados Unidos, há mais de século e meio. Este histórico do-

O Senador Tom Connally, presidente da Comissão, tomou parte ativa na recente Conferência Interamericana do México



cumento declara que "ao presidente compete celebrar tratados *ad referendum* do Senado, por dois terços dos senadores presentes." Ademais desta importante atribuição relativa a tratados, o Senado delibera sobre numerosas outras medidas de caráter internacional, deliberações freqüentemente tomadas, em primeira mão, pela sua comissão de relações exteriores. Os seus 23 membros trabalham em reuniões privativas, mas sempre que julgam conveniente são elas transformadas em audiências públicas, às quais comparecem cidadãos formalmente convidados a prestar informações e esclarecimentos que a comissão julgar necessários no curso de seus estudos e deliberações.

Tratando-se de matéria da relevância de problemas de paz internacional, os informantes podem ser altos funcionários do Departamento de Estado, especialistas em direito internacional e demais cidadãos que possam contribuir com o seu ponto de vista, exarando-se sempre o parecer das minorias, como parte integrante do processo democrático. Terminada esta fase preparatória, a comissão passa a reunir-se em sessões secretas, consideran-

do então todos os aspectos da questão, tendo em vista não somente os interesses da nação, como um todo, mas também os interesses de suas unidades componentes, pois o Senado, do qual a comissão é parte, compõe-se de embaixadores dos 48 Estados.

Procede-se, depois, à votação. A comissão pode recomendar, por uma maioria de dois terços dos membros presentes, que o Senado ratifique ou rejeite um tratado. Pode também aditar reservas ou emendas e recomendar seja a proposta aprovada desta forma. O parecer da comissão representa um estudo sucinto da matéria, para encaminhar a sua discussão.

O Senado, porém, não fica adstrito às recomendações contidas no parecer da comissão, muito embora esse instrumento de técnica parlamentar seja sempre encarado com especial atenção. Nestes últimos anos tem-se verificado um vivo interesse em se consultarem mutuamente, de um lado, a Comissão de Relações Exteriores e o próprio Senado, como representantes do Poder Legislativo, e, de outro, o Departamento de Estado e a Casa Branca, representando o Poder Executivo.

O Secretário de Estado é freqüentemente convidado a assistir às reuniões da comissão senatorial e, por sua vez, consulta a mesma antes e durante quaisquer negociações de caráter internacional. Desde os tempos de George Washington que os presidentes dos Estados Unidos costumam trocar idéias com os senadores dedicados aos estudos de problemas internacionais, norma que o Presidente Roosevelt ampliou com especial interesse quando assumiu o governo da República.

Crescente responsabilidade

É variado o volume de papéis submetidos ao estudo dos senadores que se reúnem nas sessões da Comissão de Relações Exteriores: acórdãos sobre extradição, imigração, saúde, controle de ópio, navegação, nomeações para o serviço diplomático, etc. Hoje, entretanto, importantes problemas relativos à situação dos Estados Unidos na política internacional constituem a parte mais relevante na agenda dos senadores.

Nesta legislatura a comissão de Relações Exteriores é composta de 14 membros do Partido Democrata e 9 do Partido Republicano. Dois membros, Senadores Tom Connally, democrata, do Texas, presidente da comissão, e Arthur H. Vandenberg, republicano, de Michigan, são delegados à Conferência das Nações Unidas, de San Francisco. Dois membros da delegação dos Estados Unidos à recente Conferência Interamericana reunida na Cidade do México, o Senador Connally e o Senador Warren R. Austin, do Estado de Vermont, também evidenciaram o interesse do governo em aproximar o mais possível os membros da importante comissão do Senado das discussões e deliberações internacionais que estão dando corpo à cooperação definitiva para o estabelecimento de uma paz proveitosa.

Dentre os membros da comissão destacam-se ainda o Senador Wallace H. White, do Estado do Maine, e um dos maiores expoentes da cooperação universal; o douto Senador Walter F. George, do Estado de Georgia, aclamada autoridade em assuntos financeiros; o Senador Alben W. Barkley, do Estado de Kentucky, outro denodado propugnador da cooperação internacional, e o Senador Robert F. Wagner, do Estado de Nova York, autor de momentosa legislação social e trabalhista.

Desde a sua criação, em 1816, a Comissão de Relações Exteriores do Senado nunca enfrentou responsabilidades de maior significação para o futuro da nação e do mundo, do que as que está tendo atualmente. Seus membros reconhecem estas responsabilidades e procuram colocar-se na altura das expectativas, contribuindo com a sua experiência, patriotismo e acentuado espírito de solidariedade humana para cimentar permanentemente as bases da grande estrutura da paz universal que todos anseiam.

Membros da Comissão de Relações Exteriores de Senado ao retirarem-se de Casa Branca, depois de conferenciar com o Presidente Roosevelt. São os seguintes os senadores: (da esq. para a dir.): W. R. Austin, W. F. George, A. H. Vandenberg, T. Connally, A. W. Barkley, W. H. White Jr., R. La Follette Jr. e Elbert D. Thomas





A DANÇA MODERNA



Martha Graham e sua companhia na dança "Primitive Mysteries", inspirada nos antigos rituais dos índios do sudoeste americano. Na página oposta vê-se Jane Dudley em "Swing Your Lady", adaptação da tradicional "Barn Dance" dos Estados Unidos. A dança moderna caracterizou-se pela liberdade e naturalidade de movimentos

HÁ 50 anos, quando uma aluna de dança desejava expressar emoção por movimentos, estava adstrita a uma série de regras determinando o exato ângulo em que devia colocar o pé e a posição dos braços. Dançar, como arte, era tão complicado pelas normas da técnica que não havia margem para individualidade e expressão própria.

Contrária à essa mecanização é a dança moderna, assim denominada a forma de arte revolucionária originada nos Estados Unidos pela volta do século e desenvolvida com vários detalhes de técnica na maioria dos países do mundo. Para todas as formas da dança, até mesmo as recreativas, tem ela trazido uma movimentação mais livre e informal.

Isadora Duncan, a famosa dançarina americana, primeiro grande gênio criador da nova arte, rebelou-se contra os movimentos desnaturais e das posições que constituíam a técnica da dança clássica, no século dezanove, e revelou uma arte nascida dos seus próprios sentimentos naturais.

Segundo a dançarina, todo movimento é o resultado de um impulso interior; e foi de acordo com este princípio que ela elaborou a sua arte. Como exercícios preliminares, suas alunas aprendiam a andar, saltar, correr, inclinar o corpo e virar com extrema facilidade, graça e coordenação. Depois de dominados estes movimentos essenciais, as alunas iam, gradativamente, aprendendo a expressar a emoção dos temas de dança, com os seus próprios movimentos, livres e naturalmente. Por haver essa moderna dança, conforme a artista a concebeu, dado ensejo à livre expressão, Isadora Duncan era de opinião que todas as crianças deviam aprender a

dançar, como parte de sua educação, pelas vantagens que disto adviriam para o seu bem-estar físico e espiritual.

A modernização artística trazida por Isadora Duncan foi muito bem recebida na Europa, onde a sua influência se espalhou rapidamente. Sua técnica causou várias reformas, até mesmo nos tradicionais bailados russos. Através dos esforços da grande bailarina irradiou na Europa um grande movimento modernista tendo à frente artistas do renome das irmãs Wiesenthal, austríacas; do sueco Ronny Johansson; do húngaro Rudolf von Laban e da alemã Mary Wigman. Foi fundada uma escola Duncan na Alemanha e outra na Rússia, esta sob os auspícios do governo.

Depois de seus triunfos na Europa, Isadora Duncan esteve no Rio de Janeiro, Buenos Aires e Montevidéu, onde foi entusiasticamente aclamada pelo seu gênio criador.

Desde o tempo de Isadora Duncan, a moderna dança nos Estados Unidos desenvolveu-se consideravelmente. Não mais depende de música. Muitas vezes um rufo ou dois instrumentos musicais lhe servem de acompanhamento, sendo a música composta depois de completada a dança.

Os cenários e costumes também foram simplificados; cortinas monotônicas e efeitos dramáticos de luzes substituem, freqüentemente, o clássico cenário. Dentre os grandes dançarinos da atualidade, destacam-se Hanya Holm, José Limon, Martha Graham, Doris Humphrey, Helen Tamiris e Charles Weidman. Os princípios básicos de sua arte são adotados em numerosos estabelecimentos de ensino, públicos e particulares, nos EE. UU.

"Quadrilha para modernos" é o que Doris Humphrey e Charles Weidman, estão dançando, numa nova variação da clássica quadrilha norte-americana



"Celebration" — número de dança executado por Jane Dudley, Sophie Maslow e Frieda Flier, da Companhia Martha Graham





Um Navio em Missão Humanitária

A PRESENÇA, no pórt de Nova York, de um único navio pintado de branco, entre os numerosos transatlânticos, transportes de guerra e cargueiros, cujas silhuetas cinzentas se confundem no variado conjunto que os cerca, constitui um contraste digno de nota.

Ao termo duma longa viagem esta família mostra-se indiferente ao forte vento, ao avistar a pátria amada

É um navio que cruza os mares, em pleno regime de hostilidades, levando extraordinárias credenciais que o permitem desempenhar uma missão humanitária em suas contínuas viagens. É o luxuoso transatlântico suéco *Gripsholm*, cujo nome se lê em letras garrafais no seu alvo costado, juntamente com a designação *Serviço Diplomático*.

Assegurada a sua imunidade, este é um transatlântico que viaja feéricamente iluminado, à noite, resoando a música de sua orquestra, en-

O "*Gripsholm*" no pórt do Rio de Janeiro, em mais uma viagem de repatriação, vendo-se as faixas distintivas, em ouro e azul. Na gravura à direita: Repatriados saudando a Estátua de Liberdade, em N. Y.

quanto os combôios de guerra, em silêncio e em completa escuridão, viajam cautelosos contando os minutos de uma emergência que é a viagem inteira. A lista de passageiros do *Gripsholm* é essencialmente cosmopolita.

Numa viagem, o navio faz-se ao largo conduzindo japoneses a gritar *Banzai!*; semanas depois, volta para conduzir cidadãos — homens e mulheres — das repúblicas americanas, ansiosos de regressarem à pátria. Nestas viagens humanitárias do *Gripsholm*, em missão diplomática, não há distinção de camadas sociais: pobres e ricos, diplomatas e missionários, operários e dançarinas partilham da mesma mesa, às refeições. Cada viagem do *Gripsholm* absorve um mês de preparativos internacionais.

Em 1942, o govêrno dos Estados Unidos contratou o navio suéco, pela primeira vez, para transportar os diplomatas cujas funções não ti-





Nem todos os que regressam são civis. Estes, por exemplo, são ex-prisioneiros dos alemães, repatriados de conformidade com o direito internacional

nham mais razão de ser nos países em guerra. Noutras viagens fez a repatriação de civis e de prisioneiros de guerra. Em princípios deste ano, cinco viagens de repatriação já tinham sido feitas, duas entre o Oriente e a América e três entre a América e a Europa. Em cada travessia havia um representante da nação que prestava os seus bons ofícios na repatriação, a Suíça, no caso dos Estados Unidos e Alemanha, e, até recentemente, a Espanha, no caso entre os Estados Unidos e o Japão.

A Divisão de Problemas Especiais da Guerra, do Departamento de Estado, está a cargo dos detalhes das viagens do *Gripsholm*. Dentre os repatriados procedentes do Oriente, na primeira viagem, havia muitos nacionais tanto das nações americanas como de outras nações. As viagens são arranjadas através de negociações levadas a efeito por uma nação não-beligerante que se prontifica a fazer a troca de listas contendo os nomes dos repatriados, listas organizadas nas respectivas capitais dos países beligerantes. Chega-se a um acordo quanto a um porto neutro, para o embarque, e várias nações garantem o salvo-conduto para o navio. As forças aéreas e submarinas são imediatamente notificadas da viagem, recebendo ordens de não interferir com o navio. E, finalmente, no dia designado, depois de tomadas todas as precauções, o *Gripsholm* parte na sua missão, de reconhecida neutralidade.

No remoto porto de Mormugão, na Índia Portuguesa realizou-se a troca de 1.200 repatriados japoneses procedentes de diversos países da América, por um número mais ou menos equivalente de ocidentais. Estes, durante meses, estavam vivendo completamente isolados, ansiando pelo dia da partida. Desembarcaram de bordo do navio japonês *Teia Maru*, que os trouxe-

Cena tomada na Índia portuguesa, na qual se observa a saída de repatriados de bordo do navio japonês "Teia Maru", para embarcarem no "Gripsholm"



re de vários pontos de concentração, atravessaram a doca e embarcaram no *Gripsholm*, que já aguardava. A cena foi rápida e impressionante. Muitos dos repatriados estavam enfermos; outros, em estado de profundo abatimento moral, depois do longo confinamento. Nas primeiras horas, parecia-lhes incrível que estivessem finalmente livres. O fato de poderem respirar à vontade, sem receio de olhos perscrutadores de guardas; de poderem comer guloseimas, fumar, ler magazines e, sobretudo, deleitarem-se com a fragrância de um sabonete, gozando a satisfação de um banho morno, tudo parecia ser um sonho. Além disto, podiam andar livremente, conversar em voz alta, ouvir a música do fonógrafo no salão de bordo. E, para as crianças, não faltavam doces e sorvetes. A Cruz Vermelha, sempre ativa e prestímo em todas estas viagens, distribuiu sapatos, roupas e outros artigos indispensáveis.

Rumo ao Novo Mundo

Chegou, finalmente, o dia da grande satisfação: estava finda a travessia do Atlântico. O nevoeiro, porém, era tão denso que foi preciso acender as luzes. Já se acercavam das terras livres do Novo Mundo. Aos poucos, o sol tropical foi cortando a neblina, deixando ver em todo o seu esplendor a graciosa curva do litoral do Rio de Janeiro. A grande metrópole, lindamente emoldurada pela pujante natureza, era uma inspiração de paz e sossego para aqueles passageiros cuja existência, nos últimos meses em terra estranha, sob a constante impressão de hostilidades, parecia pôr à prova a coragem e a paciência mesmo dos mais vigorosos.

Entre os passageiros, iam animadas as despedidas. Um peruano, homem de negócios, em efusivo aperto de mão, separava-se do seu sócio, norte-americano. A filha de um diplomata chileno despedia-se de suas novas amiguinhas, prometendo, com um sorriso franco, visitá-las breve, em Nova York. Era numeroso o grupo de latinos-americanos que iam desembarcar, sentir-se finalmente como em sua própria casa, depois de tantas peripécias. Todos se felicitavam reciprocamente, fazendo votos para uma pronta vitória. Algumas horas mais, e o navio fazia-se novamente ao largo, com rumo a Nova York.

Noventa dias após o seu afastamento do hemisfério ocidental, com uma carga humana composta de Okamoto e Watanabe, com rumo ao Japão, o *Gripsholm*, regressava novamente à América, com passageiros de nomes mais familiares — Suarez, Smith e Silva. A guerra continuava tremenda, devastadora. E o *Gripsholm* preparava-se para mais uma grande missão.

Socorrendo um paraquedista ferido durante a invasão aérea do Reno. As baixas norte-americanas são as mais elevadas na história dos EE.UU.

As fotografias publicadas neste número são das seguintes procedências: Capas e contracapas, interiores e exteriores, respectivamente — Philadelphia Inquirer, PA, PA, Exército dos EE.UU., Páginas do texto: 2, Sovfoto, Int., 3, Int., PA, 4, Acme, PA, 5, Acme, Int., 6, Acme, 7, PA, 8, Pix, PA, 9, Exército dos EE.UU., 10, Int., 11, American Museum of Nat. History, 12, Harris & Ewing, Int., 13, Acme, 14, Acme, PM, Int., 15, Pictograph, 16, BAI, 17, Int., 18, 19, Acme, 20, 21, BAI, 22, 23, Ivan Dmitri, 24, Ivan Dmitri, BAI, 25, Ivan Dmitri, PA, Acme, 26, 27, BAI, 28, Acme, PA, Int., 29, Acme, PA, 30, PA, Acme, 31, Acme, Creative Arts Studio, 32, Acme, 33, PA, Acme, 34, Acme, Int., 35, Int., 36, Guillemette, 37, Acme, 38, Harris & Ewing, PA, 39, H. & E., 40, 41, Barbara Morgan, 42, BAI, Acme, 43, PA, 44, Int.

